

DAVID DUARTE

Cantor de notas cearenses, letras em paixões e melodia popular a atingir o universal



David Duarte proporcionou momentos de muita descontração pontuados de gargalhadas, durante toda a entrevista no Curso de Comunicação.

Entrevista com David Duarte de Farias, dia 09/02/06.

Produção, redação, edição e texto final: Naara Vale, Rebeca Cavalcante e Joaquina Diniz.

Texto de abertura: Rafaela Primo

Participação:

Ana Flávia Gomes, Andrieu Jonathas, Bruno Pereira, Claudiene Costa, Cristiane Pimentel, Denise Marçal, Gustavo Colares, Joaquina Diniz, Karlla Gadelha, Letícia Lopes, Lucintha Gomes, Naara Vale, Rafaela Primo, Rebeca Cavalcante, Vanessa Lima

Foto:

Naara Vale

A iluminação fraca e o ambiente decorado pela arte de uma cultura cearense respeitaram um cenário musical feito para contemplar e revelar. As cadeiras, dispostas frente a um palco, aguardam o público com a pretensão de presenciar um espetáculo de notas, letras e melodias trabalhadas na voz de David Duarte de Faria, um cantor cearense que nasce ao calor do sol e encanta as noites de Fortaleza.

Canta uma, duas, três músicas a princípio; interpreta canções de outras vozes e atende a alguns pedidos do público sem deixar quebrar o bom senso de um roteiro preparado anteriormente. Conta sua história não em prosa, mas em poesia. Afinal, o ritmo se expressa com melhor fluência na música. E assim, todos os dias ganha espaço na memória musical daqueles que o reconhecem e o admiram.

Mas, para compreender a intenção de atingir a todos, sem distinção de classe, criando um estilo popular na busca de um trabalho universal, é preciso descer um pouco do palco e co-

nhecer mais de perto a personalidade do cantor. Um homem a carregar na mão o beija-flor tatuado que marca os papéis com a arte de traduzir sentimentos.

A inspiração vem em qualquer lugar, não avisa, não espera, surge dos sons. Nessas composições, a melhor parceria criativa é um instrumento. O violão tece redes de construções em notas harmônicas e as músicas cantam muitas paixões e amores de mulheres que ficam e passam em vida. As canções traduzem histórias e se tornam pano de fundo, uma trilha sonora para personagens reais em momentos marcantes.

Essas marcas de uma vida pessoal tão presente no trabalho preocupam o intérprete-compositor, mas não o intimidam a continuar escrevendo e cantando as emoções. A figura feminina permeia toda a biografia e continua estampada na discografia do cantor. Dentre elas, a presença da mãe, da filha, da irmã e da sobrinha é a única a permanecer gravada em todas as partes componentes de uma vida.

Os sentimentos liberam alegria, sem banalizar a felicidade; e tristeza com cautelas para manter o otimismo. E David sorri ao identificarem-no com outros artistas consagrados nacionalmente. Para ele, o importante é reconhecerem, em seu trabalho, a desenvoltura e inteligência com que lida, em vocabulário consciente e ético, na propagação da melodia pela suavidade vocal.

Na formulação de um estilo romântico, ele procura novos meios de atingir outros limites regionais. Quer que a música ultrapasse fronteiras e ganhe popularidade nacional. Parece um sonho. Mas nas quimeras de um pensamento que voa alto, o compositor não tira os pés do chão. E, se for para ir além, que vá só a música. Ele fica, pois não deixa suas raízes nem quer esquecer a origem, a cidade onde mora.

Entre uma aventura e outra, muitas viagens, loucuras de amor e conquistas em uma carreira, destacada pelas críticas de um artista ativo e independente. Os contatos com gravadoras são curtos, assim como o tamanho do *jingle* publicitário de trabalho que canta em marcas e produtos.

Após tantas ações descritivas, a hipótese de qualquer hesitação em virar a página merece um aviso: vale a pena espreitar o universo musical em recortes da vida e voz de David Duarte, a arte genuinamente cearense, dos palcos à sala de entrevista.

Naara — *David, a gente está vendo que você está conquistando espaço entre o público cearense, fazendo grandes eventos e shows pelo Ceará todo, e abrindo grandes shows também. O que você acha que ainda tem a conquistar aqui no Ceará?*

David — *(silêncio prolongado)* Eu acho que não tô muito focado nessa coisa de conquistar mais coisas aqui no Ceará não, sabe? O meu reconhecimento aqui dentro tá tão bom. Porque o seguinte: eu faço um tipo de música, um tipo de trabalho que tem uma classificação diferenciada.

Não dá para pensar: “Ah, o meu sonho agora é tocar nas rádios classe C”. Não dá. O meu trabalho não vai ter esse âmbito de abrangência, embora ele tenha uma penetração meio que generalizada. Eu sempre quis fazer um tipo de música que tocasse na zona sul e na zona norte *(Como os cariocas identificam o local dos bairros onde moram)*, que tocasse no Conjunto Ceará e na Aldeota *(Bairros de Fortaleza)*, que tocasse em lugares distintos. Eu acho que existe um tipo de música que pode fazer com que isso aconteça. Você tem exemplos pra isso. Quem é que não gosta de determinadas músicas que são sucesso da Adriana Calcanhoto *(cantora gaúcha de Música Popular Brasileira, nascida em 03 de outubro de 1965)*, da Marisa Monte *(cantora carioca, nascida em 1967, Marisa Monte gravou seu primeiro CD em 1988)*, do Chico César *(Francisco César Gonçalves nasceu em Catolé do Rocha, Paraíba, em 1964 e em 1995 lançou seu primeiro disco, Aos vivos)*, essa nova geração? Então, eu acho que dá para você fazer

um tipo de música que faça com que as pessoas abram mão inclusive de ouvir determinado tipo de música para ouvir o seu trabalho.

Eu estou muito focado agora em manter o reconhecimento. Porque eu tô no início do meu reconhecimento muito favorável, mas se eu não tiver cuidado com o conteúdo do meu trabalho, se eu não tiver cuidado com a essência da minha composição, com a ressonância da minha figura pessoal diante das minhas renúncias, diante das responsabilidades que eu te-

“(...)há uma mitologia em torno do meu nome, parecendo que eu sou nacional, no entanto, eu sou meramente estadual”

nho que assumir perante isso, eu acho que isso pode ser... Eu já vi isso acontecer com pessoas que são da minha geração: pessoas que estavam na crista da onda e meio que relaxaram. Manter isso é uma proposta minha, manter o nível de reconhecimento que eu tenho hoje em dia. Porque se eu conseguir manter, a manutenção disso significa um agregamento constante. A manutenção já é o próprio agregamento.

Estou focado agora em outros segmentos, em outras cidades. Eu sei que o meu trabalho toca isoladamente em algumas cidades. Sei que toca bem em João Pessoa *(capital do Estado da Paraíba)*, toca no Piauí; eu sei que tem pessoas em São Paulo que já conhecem o meu trabalho, focos isolados desse reconhecimento. No Rio *(de Janeiro)* também,

inclusive, devido ao trabalho que eu realizei de ir lá, levar o meu disco e tal. Mas acho que, se eu pudesse ter, por exemplo, numa cidade como o Rio de Janeiro, que ainda, apesar de tudo, continua sendo uma grande vitrine, o reconhecimento que eu tenho aqui, aí, minha querida...

Naara — *Você tem a pretensão de se tornar um cantor conhecido nacionalmente como o Fagner* *(cantor cearense, nascido em Ôros em outubro de 1949. Seu primeiro disco, Cirino e Fagner foi gravado em 1971), o Ednardo* *(músico cearense autor de Pavão Misterioso – tema da novela Saramandaia –, nascido em 17 de abril de 1945, integrou o grupo O Pessoal do Ceará)...*

David — Na verdade, quando começa com essa profissão, você quer ser reconhecido mundialmente, né? O delírio parte desse princípio. Eu acho engraçado o seguinte: eu tenho um status aqui no meu Estado de um compositor nacional reconhecido. Então, as pessoas chegam pra mim e falam assim: “Ah, eu te vi no Faustão *(apresentador do Programa Domingo do Faustão, da Rede Globo)*, você estava ótimo naquele dia!” Eu falo: “Mas eu nunca fui no Faustão.”

As pessoas agregam um conceito em relação a mim como se eu fosse um cara que já tivesse músicas em novela e tal. Esses estigmas, essas coisas que estão relacionadas ao sucesso nacional, eu não fiz. Eu não tenho música em novela, eu não fui no Faustão... Mas há uma mitologia em torno do meu nome, parecendo que eu sou nacional, no entanto, eu sou me-



O primeiro contato com David Duarte foi dia 25 de janeiro, durante o show do cantor no Centro Cultural Oboé.

O show estava lotado e a equipe de produção, que chegou ao local com certo atraso, ficou espremida na porta. Mas adorou mesmo assim.



David Duarte fez o show da Oboé sentado num banco, vestido de preto e gravata vermelha.

ramente estadual. Eu costumava falar isso sem problema nenhum porque o que tiver de acontecer comigo, eu tendo atenção ao meu trabalho, como eu estou tendo, vai acontecer. A estratégia do meu trabalho é uma estratégia... vamos dizer assim, honesta, entende? Eu procuro agir com honestidade diante dos meus... Acho que é isso. (pensativo)

Joanice — *David, o jornalista Nelson Augusto, que é um crítico aqui da cena cearense, disse que você é um dos melhores músicos, um dos mais completos do Ceará, que compõe, canta...*

Naara — *Na verdade, o mais completo, que atualmente era o mais completo...*

Joanice — *Como você vê essa crítica?*

David — Em primeiro lugar, com um sentimento incrível de gratidão pelo fato de ele está sendo atingido pela proposta que eu tenho que é tentar ser o melhor para ser pelo menos bom. Acho que isso é uma obrigação que todo mundo tem em cada área da sua vida. Acho que vocês estão aqui para serem os melhores sempre. Querendo ser o melhor, coisa que ninguém nunca vai ser, vale ressaltar, você vai ser bom. O meu trabalho, digo com toda a sinceridade, é fruto de muita reflexão. Mas eu não tenho o que dizer, o que eu vou dizer é muito obrigado, Nelson Augusto. É a única coisa que eu posso falar pra ele.

Andreh — *David, no cenário local, quem tá fazendo música de qualidade? Local que eu digo pode ser tanto no Ceará quanto no Nordeste.*

David — Eu acho a Kátia Freitas (*Kátia Maria Andrade Freitas nasceu no dia 11 de*

maio de 1966 em Fortaleza, lançou seu primeiro CD, o "K", em 1995.) uma pessoa muito bacana. Ela faz uma música de qualidade, eu acho que ela se afastou um pouco do público dela, sabe? Eu acho que ela se afastou um pouco do seguimento que ela estava conquistando.

Andreh — *Só interrompendo. É porque há uma diferença em ser compositor e ser intérprete. Muitas vezes, na tua voz, faz sucesso uma música que não é tua. Então...*

David — Inclusive, a primeira música que fez sucesso

"Primeiro eu apareci como compositor, logo depois, só como intérprete e depois, como compositor e intérprete, com as minhas próprias canções"

nas rádios (de Fortaleza) foi uma música chamada Lua Nova, do Evaristo Filho e do Erisvandro de Souza. Todo mundo acha, por causa desse fenômeno de atribuir ao intérprete a autoria da música, que a música é minha, no entanto, não é. Entretanto, antes dessa música, a Kátia (*Freitas*) já tinha feito muito sucesso com Babe Baby (*música de David Duarte, que a cantora gravou no CD "K"*). Então, é um processo que veio diferente. Primeiro eu apareci como compositor, logo depois, só como intérprete e depois, como compositor e intérprete, com as minhas próprias canções, cantando eu mesmo. Pro público, é uma coisa só. Pro público, a Kátia fez Babe Baby, eu fiz Lua Nova, ou seja, pro grande público que tem acesso ao trabalho da Kátia, nas rádios, essa coisa toda, Babe Baby é da Kátia Freitas

Andreh — *Então o exemplo seria a Kátia Freitas?*

David — O exemplo seria a Kátia Freitas, mas eu acho que tem pessoas que... Eu citaria, por exemplo, o Marcus Brito como um cara muito capaz. O Marcus Brito tem uma formatação muito boa, levando em consideração os moldes do mercado, sabe? É mais difícil porque eu acho que ele é muito pragmático, então, às vezes, ele se afasta. Porque tem o trabalho musical que é bom, mas é meio altista, sabe? E isso eu não quero, isso eu não quero. Quero que a minha inteligência sirva para alguma coisa. Não adianta nada eu ser um cara super... Oh! Pô, eu componho bem pra caramba! E aquilo não ter como atingir o maior número de pessoas possível.

Se eu precisar lançar mão de ritmos populares pra isso, eu vou fazer. Expressões idiomáticas populares, o que eu puder lançar mão de matéria-prima para o meu trabalho técnico de composição, para que eu chegue perto do público sem distorcer o coeficiente de inteligência do meu trabalho, eu vou fazer. Isso aí não tem por onde, porque a minha função no mundo, na vida, é essa.

Naara — *E isso está acontecendo com o seu trabalho?*

David — Com certeza! Há exemplos disso como *Valeu a Pena Esperar* (do CD *Essencial*, lançado em 2005). São músicas simples, normais, que têm a minha característica. O *Que Eu Queria* (do CD *Palavra Música*, lançado em 2002) é uma música romântica que eu fiz por encomenda para que a Ivete Sangalo (cantora baiana de "axé music", começou a carreira em 1993. Nasceu em Juazeiro, em 27 de Maio de 1972), que estava na

As fãs-entrevistadoras Lucintha e Rafaela, acompanhadas pelos respectivos, também estavam presentes nesse show.

época se afastando da Banda Eva (*banda baiana de "axé music" surgida no início dos anos de 1980*), cantasse. *A Toa (música lançada no CD Palavra Música)* foi uma música que eu fiz também que tocou muito e que ainda toca. São músicas que eu fiz pensando que tem que ter um refrão, pensando que tem que ter uma mensagem que tenha ummmm... aquela coisa assim do fio de Ariadne *. Tem que passar por dentro da realidade de todo mundo, sabe? Eu tenho músicas completamente ilegíveis, eu tenho músicas completamente... Mas só que essas músicas vocês não conhecem.

**Segundo a mitologia grega, Teseu, ao saber que sua cidade deveria pagar a Creta um tributo de sete rapazes e sete moças para serem entregues ao Minotauro, solicitou ser incluído entre eles. Ao chegar em Creta, Teseu conheceu Ariadne, a filha do rei Minos, que se apaixonou por ele. Ela acreditava que Teseu poderia matar o Minotauro, mas não saberia sair do labirinto. Ariadne deu um novelo a Teseu, recomendando que o desenrolasse à medida que entrasse no labirinto, para encontrar a saída. Teseu usou essa estratégia, matou o Minotauro e, com a ajuda do fio de Ariadne, encontrou o caminho de volta.*

Lucintha — *Você estava falando agora há pouco daquela coisa do trato que o músico tem com o público. Como é a sua relação com o público?*

David — É uma relação de extremo respeito. Eu acho que cada pessoa agregada ao meu trabalho, em proporção geométrica, é pelo menos três

pra uma. Eu tenho que ser três pra cada pessoa que eu agrego ao meu trabalho. Porque é disso que a gente vive... (*pensativo*) Não que a gente viva disso exatamente, mas é isso que faz com que o trabalho da gente caminhe. Os passos do meu trabalho são as pernas do público, entende? São os passos do público. Porque não adianta ficar com aquela soberba.

Rebeca — *Quando terminou no show no Centro Cultural Oboé (show realizado dia 25 de janeiro de 2006, no espaço cultural da empresa*

"Cada pessoa agregada ao meu trabalho a proporção geométrica é pelo menos três pra uma. Eu tenho que ser três pra cada pessoa que eu agrego ao meu trabalho"

Oboé Financeira, em Fortaleza), que a gente foi ver, você ficou muito tempo conversando com os fãs. Você acha que já tem um público cativo?

David — Com certeza.

Rebeca — *Como você analisa essa sua popularidade?*

David — A minha popularidade tá ótima para um artista local. É o que eu digo: existe um status de artista nacional sem, de fato, sê-lo. Existe um status que eu não... Aliás, muito pelo contrário, eu faço questão de dizer para as pessoas que esse é um privilégio nosso, daqui (*Batendo a garrafa de água na mesa, próximo aos gravadores*). Eu chego na Bahia, sou um Zé Ninguém. Sou um artista independente. (*Pede desculpas à Naara enquanto ela verifica se os gravadores ainda estão funcionando*) Um Zé Ninguém, entende?

Pra mim é ótimo, cara, ter um público no meu Estado. Eu morei cinco anos em São Paulo, dois anos no Rio (*de Janeiro*), fiquei naquela itinerância, naquele êxodo que acontece na história do compositor que vai e tudo. Mas não teria o mesmo sabor que tem se fosse lá. Eu, cearense... Tá entendendo? Não teria o mesmo sabor, não seria. Eu acho bom é ser aqui.

Gustavo — *Você falou da Kátia Freitas e agora fala de cantores e compositores que estão indo para fora. A Kátia Freitas foi no sentido de querer ser reconhecida nacionalmente, de querer mostrar o trabalho dela pro restante do país. Você já pensou também em sair do Ceará, pensa em fazer algum dia?*

David — Olha, eu não penso em sair de Fortaleza não, pra falar a verdade. Acho que o grande harato é eu conseguir chegar o mais longe possível morando em Fortaleza e fazendo disso um exemplo para fazer as pessoas perceberem que você pode fazer daqui. Hoje, o mundo tá muito mais globalizado, hoje a gente tá muito mais perto das coisas. Eu não sinto a mínima vontade de ir pra lugar nenhum. Eu fico a fim de ficar em Fortaleza. Daqui eu vou pros lugares onde eu tiver que ir. Porque eu acho legal essencialmente ser reconhecido como um artista cearense. Isso é legal.

Quando você tá no Rio, como eu já morei um tempo, fazendo música, ocorre que você fica num mimetismo, você não é nada. Porque não existe a música carioca. A música carioca é a compilação de vários retirantes musicais que acabaram indo pra aquela cidade fazer isso. Mesma coi-



David ficou muito grato com o convite para a entrevista e aceitou de imediato.

Ele recebeu quatro exemplares de edições anteriores da Revista Entrevista. Entre elas, as que tinham as entrevistas com o cantor Fagner e o instrumentista Manassés.



Após a entrevista com Mino, parte da turma foi para a Praia do Futuro. Além das decisões sobre a formatura, a estudante Claudiene planejava organizar, em sua casa, uma festinha para depois da entrevista com David Duarte.

sa em São Paulo. Então, você tem o quê? Você tem o Pessoal do Ceará (*Grupo surgido em meados dos anos 60 com uma turma de artistas que circulava pela Faculdade de Arquitetura e pelo Bar do Anísio – Fortaleza. Em 1973, foi gravado o primeiro disco Pessoal do Ceará – Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem, com Ednardo, Rodger Rogério e Têti*), você tem o Clube da Esquina em Minas (*Músicos mineiros da década de 60 que produziam um som que fundia as inovações trazidas pela Bossa Nova a elementos do jazz, do rock'n'roll. Nos anos 70, esses artistas tornaram-se referência de qualidade na MPB pelo alto nível de performance e disseminaram suas inovações. Surgiram no clube da esquina Milton Nascimento e Wagner Tiso*), você tem os Novos Baianos (*Movimento cultural baiano entre os anos de 69 e 79. O grupo lançou trabalhos que viraram marcos no contexto da música popular brasileira, utilizando diversos gêneros musicais brasileiros, operando a infusão tropicalista*). Movimentos que surgiram dentro de determinados focos geográficos. Mas aí você não tem, por exemplo, o “pessoal de Goiás”, ou “os novos paraenses”, ou o “clube”... Tá entendendo? Isso nós temos. Nós temos uma prerrogativa positiva que é isso. Temos um movimento que já foi engatilhado, eu posso me valer disso. Eu sou do Pessoal do Ceará, claro! Eu sou cearense, nós estamos aqui, em Fortaleza, o que eu sou? Que eu sou? Pessoal do Ceará. Eu digo isso porque lá fora esse rótulo ficou um pouco estigmatizado mesmo. Mas lá fora,

quando você chega no Rio de Janeiro, a música cearense não é conhecida de outra forma, é o Pessoal do Ceará. A de Minas, é o Clube da Esquina. Por mais que isso já tenha passado, por mais que isso já tenha sido uma coisa que faz parte do antes. O grande público reconhece a música do Ceará como sendo Fagner, Ednardo, Belchior (*Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes nasceu em Sobral em 1946, durante a ditadura militar brasileira -1964-1984 – na década de 70, surgiu no cenário musical nacional com*

“Eu acredito no caráter diferenciado do meu trabalho (...) Eu não poderia estar sendo honesto se eu não dissesse isso. Mesmo porque eu já ralei muito para que isso tivesse sentido”

músicas políticas), o Pessoal do Ceará. Quem vier do Ceará, vai ser Pessoal do Ceará, e contente-se com isso, eu não vou brigar com essa máxima.

Leticia — *Você estava falando agora sobre a popularidade entre os fãs. Eu gostaria de saber como você analisa a popularidade entre os cantores do cenário local que num CD escolhem uma música sua para cantar.*

David — Boa pergunta. Na verdade, eu continuo fazendo o meu trabalho um pouco meio que por causa disso. Hoje, mais por causa do público, como você perguntou. Mas, como eu falei naquele outro dia (*na pré-entrevista*), parece que as pessoas imaginam que eu tenho uma espécie de pé-quento para colocar uma música no disco e esse disco... Num sei. Eu tenho um sentimento de gratidão extre-

ma pelas pessoas que me convidam para participar dos seus discos, principalmente, porque têm alguns que são compositores também.

Eu acredito no caráter diferenciado do meu trabalho. Isso é um fato. Eu não poderia estar sendo honesto se eu não dissesse isso. Mesmo porque eu já ralei muito para que isso tivesse sentido, sabe? Então, eu acho que é um dado bastante relevante do estímulo que eu tenho de continuar sendo compositor. Eu tenho mais vontade de acontecer como compositor do que como cantor e intérprete, embora isso seja uma coisa assim incrivelmente prazerosa pra mim, principalmente porque agora eu tô aprendendo a cantar. Na minha opinião, por exemplo, aquele show que eu fiz no (*Centro Cultural*) Oboé, que vocês (*Joanice, Rebeca e Naara*) tiveram oportunidade de assistir, eu não cantei bem. Eu gravei aquilo ali mas não achei legal, embora tenha tido uma atmosfera de magnetismo, de tremenda euforia. Porque foi bom, muito legal. Mas agora, no BNB, fazendo essa minha temporada (*David fez seis shows durante os dias 01, 02, 03 de fevereiro no Centro Cultural Banco do Nordeste, no Centro de Fortaleza*), tendo ouvido aquilo que eu ouvi, eu descobri que hoje, eu canto muito melhor do que eu cantava quarta-feira passada (*dia do show Centro Cultural Oboé*). E o processo comigo é assim. Se eu puder fazer coisas ou deixar de fazer coisas que façam com que o meu trabalho melhore em relação a ontem, eu vou fazer.

E voltando ao que você perguntou, esse aspecto do caráter diferencial da minha

A pré-entrevista foi realizada no dia 30 de janeiro de 2006 e durou cerca de uma hora e meia.

composição, mais como compositor, é que faz com que as pessoas me convidem. Eu acho também que tem uma certa carência de um trabalho de composição universalizado, sabe? Tem muitos compositores, talvez nem tantos hoje em dia, nem sei, mas a música é muito direcionada, muito segmentada, e o meu trabalho não. Por isso eu acho que é o sinal desse resultado positivo em relação ao que eu busco no meu trabalho, essas pessoas quererem que eu grave. Por quê? Porque é uma música generalizada. Eu procuro generalizar, eu procuro universalizar o meu trabalho. E eu quero que outras pessoas gravem o meu trabalho, aí sim, eu quero muito que fora do Estado as pessoas me reconheçam como compositor mesmo.

Ana Flávia — *David, eu queria saber se você não vê empecilhos para se tornar reconhecido nacionalmente vivendo aqui no Ceará.*

David — Não, eu não vejo não. Eu não vejo primeiro porque, se eu estiver morando num grande de centro, no Rio de Janeiro, por exemplo, o eixo, aquele mito do eixo Rio-São Paulo, o que você vai fazer? Você vai fazer o que tem pra fazer... *(pausa)* Eu entendo a sua pergunta, ela é muito relacionada com a verdade, mas ela não é absoluta, essa verdade. Não é porque eu não estou aqui lidando com os artistas da *(Rede)* Globo circulando no calçadão da Beira-Mar, ou não é porque eu não tô aqui com 600 mil peças de teatro em cartaz — que eu acho maravilhoso, dentro de um processo de cultura daquela cidade (Rio de Janeiro) — que eu não vou deixar de

fazer o meu trabalho acontecer. Primeiro: pra começo de conversa, aqui eu posso ser... Meio que... *(pensativo)* É muito complicado, sabe? Porque as pessoas vêm à Fortaleza, vêm ao nosso estado. Eu não sei. Eu prefiro apostar que não preciso sair daqui não. É uma birra que eu tenho com isso. Eu não estou afim de ir lá, morar no Rio de Janeiro...

Tem outro aspecto também. Nada me faria morar no Rio de Janeiro agora. Nem mesmo o fato de eu ter uma perspectiva... Não, desculpa.

"Eu prefiro apostar que não preciso sair daqui não. É uma birra que eu tenho com isso. Eu não tô afim de ir lá, morar no Rio de Janeiro..."

Se dissessem: "Você foi contratado por uma multinacional ou uma gravadora nacional muito grande", claro que eu iria! Eu teria a minha base lá, mas o meu negócio estaria aqui. Eu ainda estaria morando em Fortaleza morando no Rio. Nunca vou morar no Rio, em São Paulo... Eu quero sempre morar em Fortaleza e estar no lugar. Nem que eu passe um ano no lugar, vou estar no lugar.

Vanessa — *Como você avalia as políticas de incentivo cultural aos artistas locais?*

David — Acho que melhoraram de um tempo pra cá, sabe? Meu primeiro disco *(Dentro do Sonho, lançado em 1997)* foi fruto desse primeiro espasmo dessas políticas culturais, dessa coisa das leis de incentivo, da lei que lida com a tributação, do percentual da tri-

butação. A gente não vai chegar e sensibilizar as pessoas para que elas tirem o dinheiro do bolso e coloquem no seu projeto. É interessante ter um fundo estadual para a cultura, é interessante esses dispositivos que façam com que a gente possa recorrer, através de um aspecto financeiro, atrativo à questão das empresas. Porque é difícil, o empresário estar ali lidando com aquelas máquinas...

Tem uma expressão que é muito pertinente: tem muito vendedor de sal! O cara não tá nem vendo o que tá acontecendo. Ele tá ali ouvindo rádio, aquilo ali pra ele é um excremento mesmo. Aquele cara detém um certo poder de bens materiais, que ele não sabe o quanto que seria bom, inclusive para a empresa dele, se valer de uma parceria com um artista de vulto, com uma peça de teatro ou um filme. Hoje essa consciência tá maior. É como se dissesse assim: hoje em dia, mesmo que essa pessoa tenha vontade, é mais difícil ela jogar um papel no chão. Porque essa nova ordem que foi estabelecida a respeito da ética humana, fez com que determinadas pessoas pensassem: "Vixe, nem que eu não queira, vou ter que dizer bom dia. Nem que eu não queira, vou ter que ajudar uma artista porque eu sou uma grande empresa. Eu não vou poder ficar à deriva desse movimento". Então, as leis vieram para conscientizar isso. Acho que é uma coisa importante.

Andre — *David, hoje, você olhando um pouco para o início da sua carreira, mas em relação ao barzinho. Qual a importância que o barzinho teve na sua carreira e se hoje você ainda faz barzinho?*



Durante toda a preparação da entrevista, a equipe de produção ficou com a música "Valeu a pena esperar" na cabeça.

O primeiro contato da produção com os CDs de David foi através do gentil empréstimo feito pelo crítico musical Nelson Augusto.



A pré-entrevista foi feita na sala, gentilmente cedida, do professor Ricardo Jorge porque David adora o ambiente universitário.

David — Não, eu não faço barzinho. Na verdade, cara, as grandes casas de espetáculos do país são grandes botecões. O Canecão (*tradicional casa de shows carioca, no bairro de Botafogo*) é um botecão, que o cara chega lá com um litro de uísque e o garçom não serve e as pessoas ficam lá tomando uísque. As casas da minha época, esses “halls” todos aí: Credicard Hall (*casa de shows de São Paulo*), num sei quê hall, num sei quê hall, esses hall são tudo boteco, acaba sendo um barzinho. Eu, por exemplo, estou com um projeto de circulação que eu vou colocar no edital da Secult (*Secretaria de Cultura do Estado do Ceará*), que é um projeto pra fazer show em salas, onde as pessoas sentem bonitinho, numa cadcirinha e agüentem ficar sem beber duas horas para poder assistir o show. Porque é impressionante isso, cara! Parece que você tem que fazer um tipo de trabalho em que as pessoas precisem estar com a consciência alterada para suportar (*exaltado*).

Tem coisa que nem bêbado você agüenta, isso aí eu concordo. Tem certo tipo de trabalho que o cara estando... tudo bem. Eu vou dizer uma coisa, porque também é o seguinte: não dá! Eu fico meio sobressaltado mesmo com esse negócio de bar porque bar é um negócio... Aaa!!! (*fazendo cara de desgosto* — *Risos Gerais*) Existe uma degustação, uma antropofagia diferente na questão do bar, porque quando você vê que a pessoa está suscetível, vulnerável, você exerce a sua coisa de uma forma diferente e isso existe mesmo. Se disser que não existe, está brincando. Isso, se

ele não for um cara que está alterando a consciência também durante o trabalho dele, porque aí, não vai tirar nada. Mas eu gosto.

Naara — Mas David...

David — Desculpa, eu vou concluir a tua pergunta dizendo que o bar foi uma grande escola pra mim. Os bares que eu toquei em São Paulo, em Fortaleza... Comecei a minha carreira tocando em bares, tá entendendo? Talvez o bar seja aquele lugar onde as pessoas bebem pra agüentar o cara se formar. “Olha, bicho, vai cantando aí que enquanto você

“Porque é impressionante isso, cara! Parece que você tem que fazer um tipo de trabalho em que as pessoas precisem estar com a consciência alterada para suportar”

não for um cara que canta direito, eu vou te agüentar aqui, vou tomando uma”. Acho que tem um pouco essa conotação. O Brasil é um lugar muito musical. Aqui, nós temos muitos bares com música ao vivo. Eu conheço inúmeras pessoas, eu citaria como exemplo, o Edinho Vilas Boas (*nascido em agosto de 1978, em Fortaleza, Edglerlyton Vasconcelos dos Santos é músico e canta nos bares da noite de Fortaleza*). O Edinho é um cara talentoso que tá aí, que começou na noite, percebeu que é o grande lance. Você perceber que é um prestador de serviços de entretenimento, que você não está ali pra encher o “pangaio” de cachaça. Você está ali, meu irmão, pra fazer o seu trabalho, coincidentemente, não existem outros espaços, você tem que se submeter à noite, ao desgaste da

noite, à questão das pessoas que estão bebendo durante a noite, que estão ali enchendo o saco. O público é isso, bicho, é uma carência afetiva impressionante.

Naara — Numa matéria do *Diário do Nordeste*, de 2003, você fez a seguinte afirmação: “Por nada gostaria de parar definitivamente com o esquema de bar. Porque tem hora que você quer estar perto do público. Acho até bom que acabou um pouco essa cultura do teatro, a pessoa ficar ali sem beber, sem conversar, pra poder escutar uma artista. Pra poder estar perto do público, você vai ter que estar na noite”.

David — Pra você ver como eu evolui no meu processo pessoal, sabe? Eu acho que isso aí foi uma declaração que eu dei, eu me lembro disso aí que eu falei, eu acho, inclusive, que eu tava meio que... (*TRIMMM, telefone celular toca*) Oh, gente, lá de Portugal, por favor...

David sai da sala para atender o telefone. Voltando...

David — Mas eu estava falando sobre o que mesmo? (*risos*) Olhai, fui salvo pelo gongo!!! A pergunta dela... fui salvo pelo gongo...

Naara — Os bares...

David — É como eu te falei, tem alguns bares que eu ainda faço. O Ponto de Luz (*bar de Fortaleza*), por exemplo, eu faço pelo menos um show de dois em dois meses lá. Eu sinto falta desse contato realmente mais próximo do público, eu continuo pensando nisso. Agora, são fases que a gente vive na nossa vida. Hoje eu percebo que o meu amadurecimento em relação às coisas que eu almejo, no sentido profissional, elas também passam no sentido pessoal.

Quando David chegou ao CH 2 para a pré-entrevista, nosso colega de turma Scheyla queria pedir um autógrafo.

Lucintha — Lá no Espaço Oboé, você teve uma relação mais próxima com o público. E ao mesmo tempo a gente percebe que quando você interpreta cada uma das canções, você tenta ter uma presença de palco, e você inova no violão... Como você se prepara para o show?

David — Eu não me preparo muito não, sabe? Eu não tenho tido oportunidade de me preparar no aspecto musical não. Sei mais ou menos o que eu posso fazer e acabo fazendo. É meio que conceitual mesmo, é bem conceitual. Eu quero que a idéia fique mais propriamente explícita ali do que a obra. Então, é conceitual mesmo. Eu penso muito, penso muito, reflito muito e depois aquilo sai na hora. Mas quando é um show que envolve outras pessoas, aí não. A gente tem que ensaiar mais, mas mesmo assim é muito conceitual. Por exemplo, eu quero que determinada música tenha essa atmosfera. Eu passo isso pra minha equipe, pra minha banda, e aquilo vai se sedimentando no palco, com cada apresentação. No caso do BNB, que nós fizemos seis shows, o primeiro foi de um jeito e quando chegou no quarto, sedimentou. Aí o três últimos, o quarto, o quinto e o sexto da mesma temporada direto, de manhã e de tarde, de manhã e de tarde, de manhã e de tarde... Tanto é que eu gravei o último, quer dizer, gravamos todos, mas o que se aproveitou foi o último.

Karla — David, você já tem três CDs gravados, né?

David — Isso.

Karla — Algumas pessoas pensam que para você fazer sucesso teria que estar no Rio de Janeiro, São Paulo. Eu

queria que você analisasse as dificuldades que um músico como você enfrenta para estar produzindo e gravando um CD aqui no Ceará.

David — A dificuldade é que, como eu sou um artista independente, eu ainda preciso ou bancar o meu próprio CD ou então... Porque bancar não dá, eu não posso bancar sempre a minha profissão. A gente conta sempre com a iniciativa privada, que é legal. É uma coisa legal que inclusive tem a ver com esses dispositivos da lei de incentivo, como foi o caso do meu primeiro

"Eu quero que a idéia fique mais propriamente explícita ali (no show) do que a obra. Então, é conceitual mesmo"

disco. Mas as dificuldades são as mesmas aqui, em São Paulo ou no Rio. Para quem faz música independente, são exatamente as mesmas, não tem a menor diferença.

Pra mim seria muito mais difícil se eu tivesse no Rio pra fazer um disco agora, porque, lá, eu particularmente não sou ninguém. Aqui não. Se alguma produtora minha, produtor meu, se eu chegar e disser: "Olha, é David Duarte", esse nome tem um certo... Entenda, o meu reconhecimento pode ser transformado em... (pensativo) Gente, é isso. É difícil falar sobre isso, reconhecimento, meu nome. É a mesma coisa de eu dizer vai lá e diz que eu que mandei que não adianta nada. Parece aquela piada, né? Mas é aquela coisa, eu sinto que aqui pra mim hoje é mais fácil fazer um trabalho que eu possa levar pra

fora. Eu tô mais perto dos empresários que acompanham o meu trabalho, eu tô mais perto das pessoas que reconhecem o meu trabalho, que querem contribuir, que querem, inclusive, participar em função de terem algum tipo de mérito dentro desse processo de parceria. Então, pra mim seria complicado isso, ou seja, ou o cara tem uma gravadora ou ele é igual a todo mundo em qualquer lugar do país.

Karla — Então como você analisa a sua evolução de quando você estava se preparando, estava tentando gravar o seu primeiro CD pro último agora?

David — (Silêncio) O meu primeiro CD eu devo dizer que foi mais fácil que o outro. O primeiro CD foi bancado pela Lei de Incentivo Cultural e foi o único que eu fiz bancado pela Lei Jereissati (Lei de Incentivo à Cultura permite aos empresários investir em projetos culturais no Estado do Ceará, através da transferência de recursos financeiros deduzindo mensalmente até 2% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) devido). O segundo (Palavra Música) foi em parceria com o estúdio Ararena (estúdio localizado no bairro da Aldeota em Fortaleza) e a produtora Modo Maior (também cearense), mas eu não sei... Ficou uma coisa meio capenga essa relação. Inclusive, o primeiro também foi produzido pela Modo Maior, só que com recurso do fundo estadual da cultura através da Lei Jereissati. Então, foi ótimo porque na época não tinha estúdios aqui ainda, em 97, e a tecnologia não abrangia determinados parâmetros de qualidade que eu tivesse que



Já no dia da entrevista, foi o ex-estudante de Comunicação Social Daniel Fonseca quem reclamou de não ter sabido da entrevista. Quería levar o CD de David para ser autografado.

Durante o pré-entrevista David chupou Halls.



Naara ficou encantada com a maneira que David se referiu a uma ex-namorada dizendo que era "com-ple-ta-men-te" apaixonado.

tentar ter uma certa competitividade mínima na questão do trabalho fonográfico. Eu fui mixar disco no Rio e foi tudo pago, hotel, passagem, tudo. Eu tive músicos excelentes no meu disco. Foi um disco todo produzido por Manassés de Souza (*instrumentista e produtor cearense*) e Mingo Araújo (*percussionista potiguar que toca na banda do Fagner*). O Mingo é referência mundial como percussionista. Quer dizer, eu tive um disco percussivo.

O meu primeiro disco acabou sendo um disco menos suado do que propriamente os outros. Esse último foi legal porque eu fiz com poucos recursos e eu quis fazer um disco enxuto. É o disco que eu acho que tem mais a essência do meu trabalho mesmo. São músicas que eu fiz, a não ser uma ou duas, mas a maioria eu fiz sem pensar no mercado. O resultado dessa "mercadologia" das músicas desse disco é completamente intuitivo. Quer dizer: eu acho que agora eu não consigo mais fazer coisas que estejam fora do mercado. Eu faço isso por intuição. Eu consegui encontrar uma fórmula, e tomara que eu esteja certo, mas eu consegui encontrar uma fórmula onde, mesmo quando eu faço uma música bem descompromissada, ela tem um valor pra esse mercado, que eu acho isso aí péssimo.

Lucintha — *Uma das lamentações do público está relacionada à dificuldade em adquirir o seu CD...*

David — (*Risos dele*). Eu achei engraçado agora porque pareceu o Muro das Lamentações *.(*risos*)

*É um dos locais sagrados do judaísmo. Trata-se do único

vestígio presumido do antigo templo de Herodes, erigido por Herodes, o Grande, no ano de 70 d.C. no lugar do templo de Jerusalém inicial. Segundo a Bíblia, durante o reinado de Salomão, foi construído um grande templo para abrigar a Arca da aliança, com as tábuas dos mandamentos de Deus. Os judeus vão orar no Muro das Lamentações e depositar seus desejos por escrito.

Lucintha — *Mas é um fato. O público tem dificuldade em encontrar o seu CD. Ai eu queria saber se você tem*

"Eu acho que agora eu não consigo mais fazer coisas que estejam fora do mercado. Eu faço isso por intuição. Eu consegui encontrar uma fórmula, e tomara que eu esteja certo"

algum projeto para resolver este problema.

David — Só quem pode resolver esse problema é a distribuidora, não adianta, sabe? Eu não sou vendedor de disco, eu sou músico. Eu não vou poder resolver isso da noite pro dia. A não ser que tenha uma empresa que queira investir nisso. Por exemplo: vamos botar mil discos do David Duarte em cada capital do país. Em cada capital não. Vamos escolher 10 capitais, vamos fazer uma tiragem de 10 mil discos e botar em cada capital. Aí, você vai criar um fomento do esquema de distribuição que vai criar um boca a boca. Eu, como artista, não adianta. É complicado. Agora eu me separei e a minha ex-mulher era minha produtora também e os discos estão todos lá embaixo da cama, é um inferno essa coisa de disco.

Essa coisa de vender disco é um saco! Esse negócio do disco numerado, essa coisa de direito autoral, envolvendo a fabricação do objeto CD, a questão da pirataria. Então, disco é um saco. Quem tem que lidar com disco é janota. Meu negócio é lidar com música. Eu tenho que ter disco pra vender, mas bicho, é um saco! Você não tem controle sobre isso, nem a gravadora tem. É um absurdo!

Claudiene — *Se não for pelo disco, então como é que a música chega até o público?*

David — É a única forma: pelo disco e pela rádio. O nosso objeto de propagação é disco e rádio, disco e rádio, alguns, a televisão. Mas ainda é a rádio. A rádio que é o grande lance. E a rádio é que faz com que a pessoa compre o disco.

Andreh — *É mais vantajoso o artista lançar um CD pela gravadora, mesmo tendo os ditames da gravadora, do que fazer autônomo?*

David — Com certeza!

Andreh — *Porque autônomo vai ter o seu selo lá, vai ser do jeito que você quiser, com as gravadoras talvez não seja...*

David — Gente, isso aí é uma discussão muito delicada, acho que precisaríamos de alguns dias de fórum para discutir essa questão da distribuição fonográfica, sabe? Isso é uma coisa discutida demais no Fórum de Música, desde a época da Amin (Associação dos Músicos Independentes do Ceará), meu Deus do Céu! Eu era um protozoário da música ainda. É uma questão muito delicada isso. Como o livro (*é uma questão delicada também*). Por exemplo, eu tava conversando com Tércia Montenegro (*escritora cea-*

David deu graças a Deus quando terminou a pré-entrevista, pois estava com a bexiga estourando e foi correndo para o banheiro.

rense, autora de três livros, entre eles, *Linha Férrea*), ela é uma grande escritora, tem três livros ótimos, está escrevendo outro, mas desestimula saber que aquela produção vai ficar aqui em Fortaleza. Desestimula um pouco saber que uma pessoa do quilate dela, se não tiver uma distribuidora nacional, vai chegar a um ponto que a pessoa vai parar de escrever. Não é o meu caso e não é o caso dela. A gente não vai parar de escrever e de compor. O que eu quero dizer com isso, gente, é o seguinte: eu prefiro ganhar 80 centavos em cada CD e fazer 300 mil discos, do que ganhar 6 reais num disco e fazer só mil para depois não ter mais como fazer.

Essa relação da gravadora com o trabalho, existem rumores que... Isso é muito leviano de falar, mas isso não pode deixar de passar pela nossa reflexão. Existem rumores de que a própria gravadora mantém um esquema paralelo de pirataria porque ela sabe que sem os tributos que estão embutidos ali no objeto CD, ela vai poder vender o disco por 10 reais, 5 reais e vai ganhar tudo. Por que 20 reais em um CD? Faça-me o favor, meu camarada! O disco custa na fábrica, no máximo, se tiver um fio de ouro no disco, ele não vai passar de 3,50. Então, essa tributação, tributação, tributação vai criando um entulho torno do produto final e sabe o que acontece? Neginho olha aqui: 26 reais, tá bonitinho... Mas sabe o que me interessa nisso aqui? É a música. Aí o cara vai e compra por cinco (*reais*) daqueles pobres coitados que ficam ali caminhando na praia o dia inteiro com aquelas sacolas enormes e importunan-

do os clientes que estão na praia, os banhistas.

Eu estou à margem disso, porque simplesmente é muito bonito, muito maravilhoso, mas eu sou um artista local, eu não tenho esse segmento nacional que faça com que as pessoas lá dentro do seu escritório de pirataria queiram "piratear" meu disco, não... Desculpe o desabafo.

Gustavo — *É conhecido que algumas gravadoras pagam jabá para que toquem nas rádios as músicas de muitos artistas. Existe esse procedimento nos mercados locais*

"O meu primeiro disco acabou sendo um disco menos suado do que propriamente os outros. Esse último foi legal porque eu fiz com poucos recursos e eu quis fazer um disco enxuto"

com as gravadoras? No seu caso, que você é um artista independente...

David — No meu caso não, graças a Deus, não. Acho que o meu trabalho toca nas rádios por pliceeno carisma, por pleno reconhecimento do conteúdo mesmo, sabe? Eu acho que isso é uma coisa muito bacana. Eu nunca paguei um centavo, até por uma questão de indelicadeza que eu considero da minha parte, eu nunca levei um bombom Sonho de Valsa pra ninguém em nenhuma rádio. Eu vou lá, abraço um, abraço outro, mas esse mito de ah, vamos levar uma garrafa de uísque. O jabá mais velado que existe é garrafa de uísque, caixa de uísque. Se teu trabalho não prestar, não adianta, não toca.

Meu trabalho, quando ele começou a ficar radiofônico, a rádio quis tocar. Quando de-

terminada rádio tocou, a outra rádio viu e quis tocar também. Eu estou à margem dessa competitividade das rádios. Adoro todas, principalmente as que lidam com o meu segmento de trabalho, mas é o tipo da coisa: eu nunca dei (*jabá*), mas eu sei que precisaria. Quem dá o jabá é a gravadora, mais uma vez eu digo, não é o artista. A gravadora investiu, vamos dizer, 300 mil reais em um artista que está começando. Ela investiu dinheiro. Qual é o camarada que vai tirar dinheiro do bolso e que não vai querer ter retorno? Ele sabe que dentro desse investimento de 300 mil reais, o que ele faz? Cinqüenta mil é para fazer o objeto disco. Agora, meu camarada, vamos investir 200 mil reais para fazer o nome desse cara. Hoje em dia existe o jabá, mas também existe o pagamento de execução. Porque ali é um produto comercial. No meu caso, pra tocar uma música minha numa rádio como a ... Vamos dizer, a (*rádio*) Globo Fm, do Rio de Janeiro. Eu fui lá agora, quando meu trabalho estava pré-mixado, mas eu fui por desencargo de consciência. Porque eu sei que existe um segmento da rádio que é vendido, mas eu graças a Deus nunca precisei pagar jabá não, embora saiba que isso faz parte do processo da máquina mercadológica fonográfica. Para tocar, precisa pagar. Porque tocando, a pessoa recebe de volta o investimento. Então, é um investimento toma lá dá cá. Isso é uma coisa muito pouco romântica, não tem problema nenhum. A gravadora paga para receber de volta.

Andre — *Ainda nessa questão do acesso das pessoas à música. A internet é uma*



A produção da entrevista demorou mais que o esperado pela Jô. Por causa da demora, ela disse que seu banho já tava vencido.

Enquanto a turma ouvia a música *O que eu queria* na sala de aula, o professor Ronaldo Salgado acompanhava a música com uma batidinha no pé e um sorriso enigmático.



Enquanto isso... a Claudiene se realizava com as músicas de David Duarte.

mídia bastante democrática em relação ao acesso e é possível baixar até um CD completo em poucos minutos. A internet é importante para o artista?

David — Andreh, né? Eu acho que... No meu caso, qualquer tipo de propagação do meu trabalho ainda significa algo positivo. Veja bem, no meu caso, que sou uma pessoa que estou tentando aumentar o raio de ação desse trabalho. No caso de uma pessoa que já tem grande raio de ação, eu acho que não tem importância porque ela já tem tanto que não vai se incomodar com o fato de as pessoas estarem ali. Primeiro de tudo, o formato que você baixa na internet não é um formato que preza pela audição e música trabalha com audição. Porque MP3 é um formato pouco infame em se tratando de determinados nuances do trabalho musical como um todo. Você tem um produtor musical, você entra num estúdio que é hermeticamente fechado para que aquele som seja imaculadamente emitido através de câmaras de gravação, aí você chega em MP3 e é aquela coisa “nhau nhau”, aquela coisa comprimida. No final das contas, sai uma coisa pela outra. Essa coisinha da MP3 é um negócio legal. Toda tecnologia vem para ajudar o ser humano. No dia em que transformarem uma bomba nuclear em MP3, a gente pode começar a questionar. Por enquanto, acho que é uma forma de divulgação legal. Isso é a mesma coisa de você dizer assim: antigamente os caras ouviam a rádio e botavam naqueles tape deck 3 em 1, uma fita cassete, gravavam a música e não compravam o dis-

co. Não é verdade. Mesmo assim as pessoas compravam o disco.

Eu acho que o mercado tem que se sedimentar, tem que se preparar para os processos de evolução. Um dia eu tava voltando de São Paulo e tava conversando com o dono da CD+ (*fábrica de discos localizada em Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza*). Ele falou pra mim essa questão do MP3. Uma gravadora hoje em dia, ela vai saber que tem que ter um fundo de caixa reservado para os vazamentos que

“Agora eu me separei e a minha ex-mulher era minha produtora também e os discos estão todos lá embaixo da cama, é um inferno essa coisa de disco. Essa coisa de vender disco é um saco!”

têm em MP3, pirataria, cópias domésticas. Entende? Isso tudo já é uma coisa meio que planejada. Eu não sou um internauta de carteirinha, mas a minha leitura é toda de internet. Hoje em dia, os livros que eu leio, são poucos, porque eu tô ali no computador e acabo acessando... Acho que isso é um grande canal pra o processo de desenvolvimento de uma consciência coletiva legal.

Bruno — *David, segundo o material da produção, no momento, você está sem empresário...*

David — Você quer se candidatar? (*Risos da turma*)

Bruno — *Eu gostaria de saber o porquê dessa decisão.*

David — Circunstâncias dos fatos que estavam ocorrendo diante do retorno que eu não estava mais tendo em relação ao que eu queria. Enten-

deu tudo, né? (*risos*) A questão do empresário é o seguinte: eu sou um produto, a partir do momento que eu lido com a imagem do meu trabalho como é o caso aqui em Fortaleza, eu tento me preocupar com o desempenho dessa imagem junto ao público. Eu acho que no caso específico de minha última produtora, foi superlegal trabalhar com a Adriana (*Gouveia, ex-produtora e ex-mulher de David*), mas no aspecto conjugal, afetivo, junto com o profissional, neste caso, não deu certo. Porque eu acredito que pode dar.

Rebecca — *Falando um pouco mais do seus CDs. (TRIIIIIMMM, O TELEFONE DA SALA AO LADO) Falando do seu primeiro CD, Dentro do Sonho, comparando com esse último, Essencial, o que mudou musicalmente? Já que você já falou da parte da produção.*

David — Ah, legal. Eu acho que mudou mais a fluência das músicas, elas estão mais... Vamos dizer assim, resolvidas. Primeiro, porque quando eu fiz o Dentro do Sonho, eu fiz em 97. Como todo primeiro disco, tinham músicas que eu tinha feito há cinco, seis, sete anos antes e precisavam estar no disco para que eu pudesse... Escoar aquela produção, vamos dizer assim, pra não dizer exorcizar aqueles sentimentos que estavam naquelas músicas.

O Dentro do sonho foi um disco que teve essa imaturidade. Isso é bom que se diga: é muito bom quando você vê a potencialidade de uma pessoa imatura. Na imaturidade você pode reconhecer quem é e quem não é. Mais do que quando a pessoa é madura. Porque quando a pessoa ama-

E Claudiene continua.... Valeu a pena esperaaaar por você....

durece, ela manipula muito os elementos do seu trabalho. Quando a pessoa tá imatura, ela tá mais na essência. Em uma pessoa imatura, você pode detectar se ela é boa ou se ela é ruim. Talvez seja mais difícil numa pessoa já mais amadurecida, essencialmente, você perceber. Eu acho que o *Dentro do Sonho* foi um disco que veio para dizer assim: "Poxa, esse cara aqui ainda vai fazer um trabalho amadurecido". Então, as músicas do *Dentro do Sonho* eram músicas mais intimistas, eram músicas menos comprometidas com a linguagem mais generalizada, mais universal, e os outros discos não. Eles já vieram querendo se comunicar com o público.

Naara — *David, falando das parcerias...*

Letícia — *Naara, só um instante, só um instante. É porque você disse que no CD *Dentro do Sonho* tinha músicas de dez anos que você precisava escoar a produção, porque você é um artista com várias músicas, com várias composições. Eu queria saber qual o critério de seleção para você colocar a música naquele determinado CD?* (O telefone celular da professora Silvia Belmino não parava de tocar na sala ao lado)

David — O *Dentro do Sonho*, ele é um pouco rítmico, temático, no que diz respeito à produção lítero-musical ele é... No caso do *Dentro do Sonho* não tinha muito essa coisa não, embora a seleção seja um processo doloroso porque você acaba tendo que deixar algumas músicas de fora. O processo da seleção é doloroso, é como eu disse agora numa gravação de um show, é como deixar de salvar um filho em detrimento de outro:

"Fica aí, vai pegando fogo aí que eu volto pra te salvar no próximo disco". Mas pode ser que no próximo disco aquilo não represente mais nada pra mim, como foi o caso de várias músicas que eu fiz e deixei de usar nos três primeiros CDs. Então, o processo de seleção, hoje em dia, é mais amadurecido, passa mais pela... O processo de seleção, hoje, começa na fase de composição. Eu já componho criando uma grade que vai... Por exemplo o meu próximo disco eu já sei o que ele quer ser, aliás, eu não sei, não sei, o pró-

"No meu caso não, graças a Deus, não.

Acho que o meu trabalho toca nos rádios por pleeno carisma, por pleno reconhecimento do conteúdo mesmo, sabe? (...) Eu nunca paguei um

ximo disco...

Joanice — *Você vai lançar quando o disco?*

David — O próximo? Tá muito cedo pra dizer..

Naara — *David, em relação às parcerias, o que você prefere fazer? A letra e a melodia juntos ou você faz a letra e entrega pro seu parceiro compositor...*

David — Eu tenho poucos parceiros. Como eu componho muito a noite, sozinho e tal. Geralmente eu componho... É difícil. Sabe como é que funciona a parceira pra mim? É assim: uma parceria que eu tenho com o Felipe Cordeiro (*cantor e compositor cearense, tem parcerias com outros cantores nordestinos*) no disco *Outra Esquina*, que é um disco que ele fez em homenagem ao Clube da Esquina. O Felipe me mandou um calhamço, não ele me mandou

umas 15 letras dizendo: "David, eu vou te mandar um envelope". Aí, mandou 15 letras, dessas 15, eu vi que duas eram musicais e uma terceira poderia se transformar em (*musical*). Aí eu fiz três músicas: uma cantada pela Kátia, a outra cantada por mim e a outra pelo Jorge Vercilo (*Jorge Luis Sant'anna Vercilo, carioca, lançou seu primeiro CD "Encontro das Águas", em 1989*). Essa é uma forma, pegar letra e fazer uma música em cima. Outra forma, que eu experimentei pouquíssimo, talvez nunca, mas acho interessante é mandar uma fitinha, um CD com uma melodia para um letrista. Como é o caso do Fausto Nilo (*Fausto Nilo Costa Júnior compositor e arquiteto cearense, de Quixeramobim, nasceu em 05 de abril de 1944*), quando a gente se encontra: "Rapaz, e a nossa parceria?" ele (*Fausto Nilo*) diz. O Fausto Nilo (*tom de respeito*), eu não posso fazer uma coisa dessas, eu não posso procrastinar essa parceria. Mas seria assim: eu daria duas canções, melodias, duas músicas pra ele, ele me daria duas músicas pra ver se a gente conseguia fazer pelo menos três. Ele fez uma letra com a minha melodia, então... Eu não sei se tô fugindo muito do que você perguntou.

Naara — *Não. E o que você prefere: fazer a melodia ou a letra?*

David — Por enquanto, em função do universo de parcerias que eu tenho, eu prefiro fazer música sozinho, acho mais garantido.

Naara — *E como é esse seu processo criativo?*

Davi — É, foi isso que você me perguntou.

Naara — *Não.*



Durante a produção da entrevista, os futuros entrevistadores pediam insistentemente que David levasse o violão.

Depois a estudante Cristiane Pimentel se comprometeu a levar o violão.



Na hora da entrevista, nada de violão. Cristiane: "Eu pensei que fosse brincadeira de vocês".

David — O processo criativo é o seguinte, duas formas de fazer: uma, eu passo um tempo com um tema. Eu pego no violão e o violão me apresenta um certo tema. Ele diz alguma coisa pra mim. Aí, a partir do briefing que o violão me dá, sonoramente falando, eu daí desenvolvo aquele tema. Eu fico com aquele tema, fico com aquele tema... Muitas vezes, depois que eu tenho um tema eu componho uma letra minha em cima do tema, exemplo: Valeu a Pena Esperar. Eu tenho várias músicas que eu comecei a tocar o violão, aí eu achei um tema legal. Por isso, a questão do violão, não sei quem falou, que o violão tem uma desenvoltura diferente, porque eu faço trabalho muito em cima da composição do violão. Tem outras que eu fiz batendo palmas dentro do mar. "Eu to lá no mar e o sol tá brilhando" (*cantando e batendo palmas*), essa música (*Eu tô lá no mar, gravada no CD Palavra Música*) eu fiz assim batendo palmas dentro d'água. Não precisei de instrumento, mas eu me vali de uma música que já existia. Aliás eu acho que as músicas todas já existem.

Denise — *David, como é que você se avalia? Melhor compositor ou melhor cantor?*

David — (*Pausa*) Vixe, eu me acho melhor compositor com certeza (*mudança na voz*). Com certeza!

Andreia — *O que você procura valorizar mais na música? O ritmo, a melodia, a letra?*

David — Letra.

Lucintha — *Até que ponto ela tem um teor pessoal?*

David — Cada vez menos. Eu prefiro usar a música como um veículo de propagação de

mensagens coletivas que possam criar uma consciência coletiva, que possam contribuir com esse processo ético das pessoas, mas isso não é a tônica não. Eu faço música sobre mim, sobre o que eu sinto, aliás a maioria. Na verdade eu me valho do que eu sinto pra dizer pras pessoas o as pessoas são capazes de sentir, ou então que eu estou me identificando com o que todos sentem, o filtro sou eu, acaba sendo, não deixa de ser eu.

Claudiane — *David, você citou o Jorge Vercilo. Você se incomoda com algum rótulo*

"Uma gravadora hoje em dia vai saber que tem que ter um fundo de caixa reservado para os vazamentos que tem em MP3, pirataria, cópias domésticas"

que o público lhe impõe? O Jorge Vercilo cearense...

David — (*Risos*) Pelo amor de Deus. Eu nunca ouvi isso na minha vida.

Claudiane — Mas eu já ouvi.

David — Você deve ter ouvido isso em relação ao Paulo Façanha (*cantor, compositor e músico cearense, gravou seu primeiro disco solo em 1996*), que é um cara que vem mais dessa escola. Não possível que alguém tenha dito isso a meu respeito.

Claudiane — *Mas você se incomoda?*

David — De maneira nenhuma, imagina! Acho engraçado. O Jorge Vercilo foi tachado vários anos da vida dele como o Djavan (*cantor e compositor alagoano, nasceu em 27 de janeiro de 1949. Autor do sucesso a "Flor de Lis"*) não sei das quantas. Tá enten-

dendo? Hoje em dia é um cara reconhecido, é cara talentoso, é um exemplo de um cara que já tinha música em novela muito antes de acontecer porque tava morando no Rio de Janeiro. Um excelente compositor! Uma pessoa maravilhosa. Ser comparado com o Jorge Vercilo pra mim é um elogio.

Bruno — *David, segundo o material da produção...*

David — Desculpa, mas eu não acredito que alguém tenha feito essa comparação! (*risos*)

Claudiane — *A outra comparação que eu ia dizer seria a nova cara do Pessoal do Ceará.*

David — Perfeito, perfeito. Olha gente, eu não sou mais dono do que o meu trabalho é pras pessoas não. Aliás, as coisas não são nada não, elas são as nossas reações a elas, entendeu? Eu não tenho problema nenhum com isso não. Eu faço um trabalho e eu divulgo as coisas. É público. O que fazem com isso... Ora, vão dizer que meu trabalho é isso, é aquilo, é aquilo outro. Então eu não gravo um disco, não faça mil cópias e bote no mercado. Se eu não quiser ser criticado, se eu não quiser ser considerado, eu não vou poder fazer um trabalho que tenha âmbito popular.

Bruno — *Segundo o material que a produção passou, você disse que não gostaria de ser conhecido só como um cantor romântico...*

David — Não.

Bruno — *Eu gostaria de saber como você vai fazer pra chegar em outros estilos se você não é muito chegado a parcerias.*

David — Eu acho que eu não entendi.

Por duas vezes, as alunas Naara e Joaice saíram da casa da aluna Rebeca mas de 11 da noite fazendo a produção do material de entrevista.

Bruno — *Por que você vai ter que transitar, se envolver com outros estilos, além do estilo romântico.*

David — É por causa das parcerias?

Bruno — *É por causa...*

David — É como se fosse assim, desculpa, a questão não é com você, é comigo. A questão do meu bloqueio com o rótulo romântico, porque, por exemplo, você pode fazer uma música extremamente sonora e tá falando de romance. Lógico, você não tá falando disso, você tá falando daquela música essencialmente com cara de música romântica. Eu não sei, cara, eu não tô mais afim de expor os meus sentimentos através das minhas músicas, não. Sabe, eu acho que eu fiz bastante com o CD Essencial. Por enquanto eu posso gravar um disco só com Antônio Carlos Jobim (*Maestro Tom Jobim, músico carioca da Bossa Nova, nasceu em 25 de janeiro de 1927*), Chico Buarque (*Cantor e compositor carioca de Música Popular Brasileira nasceu em 19 de junho de 1944. Seu primeiro sucesso foi com A Banda em 1966 quando venceu o II Festival de Música Popular Brasileira*) e Raimundo Fagner, só com músicas românticas deles. Mesmo assim, vão tá achando que eu tô sendo um cara romântico.

Gente, eu acho que romantismo tá faltando um pouco, sabe? O romantismo é uma coisa que... (*Pausa*) Ah, cara, eu acho um saco essa coisa... Me incomoda ser chamado de cantor romântico, porque nem de longe eu faço esse gênero, esse perfil, tá entendendo? Eu fiz uma música como *O que eu queria* para que fosse gra-

vada como uma música romântica pra Ivete Sangalo, acontece que eu gravei a música, aquilo foi legítimo. Eu fiz com propriedade de quem tá cantando uma música sua.

Naara — *Mas você não é conhecido como um cantor romântico só pela melodia, pela forma caaaalma, apaixonada de cantar. É pelas letras também, isso vem de você.*

David — Claro, claro, vem de mim.

Naara — *Como é isso? Não quer ser chamado mas...*

David — É preciso resolver esse problema, né?

"O processo da seleção é doloroso, é como eu disse agora numa gravação de um show, é como deixar de salvar um filho em detrimento de outro"

Claudiene — *David, quais são suas influências musicais, então? Enquanto você se resolve... (risos)*

David — Não gente, é porque tem épocas. Você não pode dizer que o disco Palavra Música é um disco romântico, mas você deve dizer que o disco Essencial é um disco romântico. Quase todas as músicas eu fiz pra uma pessoa, pra uma mulher, pra uma pessoa que eu amei, sabe? Então esse disco é um disco legítimo. Também como em Palavra Música eu resolvi cantar as nossas praias, fazer uma incursão pelos nossos ritmos, pelas nossas praias, entende? Eu acho genial o Zeca Baleiro (*cantor maranhense, nasceu em 11 de abril de 1966 em Arari*), já gostei mais do Lenine (*cantor, compositor, arranjador, músico e produtor. O artista recifense surgiu na-*

cionalmente na década de 80), ele é um cara que faz um trabalho que tem muuuita substância, muita substância, mas pelo fato de ele não ser essencialmente letrista das músicas dele, talvez o trabalho dele... Eu não quero falar do trabalho de ninguém, não, eu quero falar do meu trabalho.

Eu acho que se eu quiser ser tachado como o cara que faz Manguê Beat (*movimento pernambucano nascido na década de 90 que mistura maracatu, ciranda, coco, embolada com funk, rock e música eletrônica. Teve como principal representante a banda Nação Zumbi*), eu vou fazer Manguê Beat, se eu quiser, como o cara que faz trabalho regional, eu vou ser regional. Na hora que eu quiser ser tachado como romântico eu vou fazer música romântica. Eu acho que foi isso que aconteceu. Eu não posso fugir do que o meu trabalho é, mais uma vez eu digo, é uma coisa que é pública. As pessoas se identificam, eu tenho vários depoimentos de pessoas que começaram, terminaram, se relacionaram, acabaram, brigaram, tudo na esfera romântica, com canções minhas. E eles chegam e falam: "Rapaz, eu tava com uma gata não sei onde, tocou tua música"; "Bicho, eu briguei, num sei o quê, com tua música"; "Rapaz, eu conheci uma figura, a tua música". Isso pra mim é interessante. Ser trilha sonora da vida das pessoas pra mim é uma coisa bacana.

Vanessa — *David, você falou que sempre faz música pra pessoas que gosta, que isso depende do seu momento pessoal. E essa vontade de não querer mais expor seus sentimentos tá ligada à vida pessoal?*



Em outro dia, foi a vez das alunas Rebeca e Joa-nice irem para a casa da aluna Naara para terminarem a produção. Bote-meia noite!

Se a produção demorou até meia noite, imagina a decupagem... Domingo, 2 horas da madrugada e ainda estávamos editando.



Na segunda-feira (06 de fevereiro), noite anterior a que estava marcada a entrevista, a equipe de produção ligou para David Duarte para confirmar a entrevista e ele desmarcou.

David — Com certeza! Absolutamente sim, tá ligada com a minha vontade de cada vez menos ser um, ser mais do que um. Tá ligado com a minha vontade mais de ser uma consciência coletiva do que de ser um. Mais princípios do que personalidade.

Naara — *David, você não fez faculdade de música, você não teve um estudo musical dentro de uma escola. Em algum momento você sentiu falta dessa formação mais acadêmica?*

David — Na música nem um pouco, nem nunca. Eu acho até que isso teria, talvez, até me atrapalhado porque eu teria seguido por determinadas veredas que teriam me distanciado cada vez mais disso que eu sou hoje: um cara reconhecido, popular e bem sucedido na música aonde chega. Porque o meu trabalho, eu devo dizer isso a vocês, o meu trabalho chega só aqui nesse Estado, mas aonde eu chego com minhas músicas a reação é a mesma. Eu sei que isso talvez me dê uma segurança. O público cearense é muito analítico. O nosso público — nós, nós somos muito analíticos — , somos severos até. Não é tudo que neguinho engole não, sabe? Eu acho que... (pausa)

Davi — Qual a pergunta?

Naara — *(Risos) A formação acadêmica...*

David — Eu acho que o que é valioso é isso: a formação acadêmica é uma formação válida, mas eu tive uma formação prático- teórica muito boa, sabe? Em São Paulo, aqui mesmo. Coisas que eu aprendi no âmbito da teoria que talvez eu não tivesse aprendido que foram coisas aplicadas. Eu trabalhei com grupo de música instrumental, você só trabalha

com música instrumental se você souber música, se você tiver conhecimento teórico. Lá em São Paulo, eu trabalhei com isso (*com música instrumental*), por isso minha relação muito íntima com as nuances do violão, com os caminhos do violão. Eu gosto muito de compor pensando no fato de as pessoas perceberem que eu sou um ótimo músico. Eu acho que é uma vaidade minha que é bacana. Eu gosto da simplicidade, mas eu também gosto que em um determinado momento do meu trabalho, como um todo, as pessoas percebam:

"Prefiro usar a música como um veículo de propagação de mensagens que possam criar uma consciência coletiva (...), mas isso não é a tônica não"

"Pô, esse cara toca pra caramba!" Eu acho muito legal, eu prezo meu instrumento.

Ontem, eu tava conversando com a minha mãe e ela: "Violão, né, meu filho?" E ela muito reticente... "Pois é..." (*David responde à mãe*). "Pois é, né, minha mãe..." Eu fiz minha vida inteira em cima desse pedaço de pau aí, desse instrumento de madeira, desse instrumento musical. Tudo que eu construí até hoje e tudo o que eu ainda acho que vou construir foi em cima de reverenciar a sonoridade do violão, do meu instrumento.

Letícia — *Você falou agora há pouco que usa o violão pra compor suas músicas, até palmas você usa pra compor. Que outros instrumentos você utiliza?*

David — A minha mente. As coisas armazenadas dentro da minha cabeça já me dão

substância pra que eu possa compor sem precisar pegar no instrumento hoje. Isso é muito bacana. Primeiro porque eu não preciso compor músicas muito complicadas, então, eu não preciso nem ter uma mente muito brilhante pra fazer boas músicas. Entende isso? É uma coisa que tem a ver com o que eu tenho a título de memória ancestral da música como um todo e tem substância. Isso sim, a música como um todo, agora o arranjo e coisa e tal. Aí você vai chegando assim nos instrumentos, vai percebendo e tudo, mas é tudo dentro da cabeça. As melhores músicas saem de dentro da cabeça. Elas não saem propriamente de fora, elas saem de dentro. Tudo é uma repetição, sabe? Melhorada... aliás, nada, como disse, eu acho que o Falcão (*Marcondes Falcão Maia, arquiteto e cantor de brega cearense, nascido em 16 de setembro de 1957*): "Nada é tão ruim que não possa ser piorado".

Naara — *David, e além do violão tem outro instrumento que você toca?*

David — Eu gosto de tocar piano, mas é diletantismo total. Eu gosto de sentar no piano e... Eu acho o piano um instrumento incrível porque ele é um negócio que você toca e ele faz. O violão não, você precisa... É meio doloroso, sabe, a coisa do violão. Hoje, mais não.

Naara — *E na sua carreira, quais foram os músicos que te influenciaram?*

David — Músicos, músicos?

Naara — *Cantores, ou músicas ou estilos. Desde o início, quais te influenciaram? (TRIM, TRIMM! O Telefone da sala ao lado não parava de tocar)*

David — Coisa irritante esse telefone! Fica tocando e

O motivo foi o prazo final do edital da Secult porque ele iria apresentar projeto.

ninguém atende (*Risos*). O pior de tudo é que parece com o meu toque e eu fico pensando que é o meu, aí eu fico: “Não é o seu, não é o seu”. Tô brincando.

Eu fui muito influenciado, no começo, por Gilberto Gil – (*Cantor e compositor soteropolitano, gravou seu primeiro disco em 1962. Atualmente é ministro da Cultura do Governo de Luis Inácio Lula da Silva*), Caetano Veloso (*Nascido em 07 de agosto de 1942, em Santo Amaro da Purificação, Bahia, surgiu nacionalmente com o movimento Tropicalista*), depois eu...

Perdão. No começo, no começo, eu ouvia Fagner, eu ouvia muito Fagner. Até o disco Quem viver chorará, eu ouvia bastante Fagner. Eu adorava e gosto muito dele. Depois eu me afastei um pouco e fui convivendo com pessoas que me apresentaram Gilberto Gil, Caetano Veloso, o Chico Buarque. Eu tinha um parceiro na minha primeira adolescência de compositor que chama Gleidson Façanha que é um cara... Gleison, Gleibson, Gleidsom agora não me lembro! – inclusive, primo do Paulo Façanha que eu vim depois saber — e ele era um cara que curti muuuito, muuuito Chico Buarque. O Chico Buarque foi um cara que teve muita influência no processo... Porque o Chico sempre foi muito rebuscado musicalmente, ele vem de uma escola muito rebuscada, então era dureza pra gente pegar as músicas do Chico, sabe? E a gente fazia disso uma espécie de laboratório, então era legal.

Eu ouvia muito a Cor do Som (*banda baiana, criada em 1977, formada por músicos do movimento Os Novos*

Baianos, como o guitarrista Armandinho), adorava a Cor do Som. Teve uma época, que eu curti muito Ivan Lins (*músico carioca nascido em 1945, surgiu nacionalmente no Festival Universitário da TV Tupi em 1968*), eu adoro! Eu acho Ivan Lins um compositor de mão cheia. Gosto da forma como o Fagner lida com a popularidade dele. Eu acho legal isso. Porque hoje em dia, eu não me influencio só pela música da pessoa. Eu me influencio pelo movimento existencial daquela pessoa, daquele artista. O que é aquele

“Olha gente, eu não sou mais dono do que o meu trabalho é pras pessoas não. Aliás, as coisas não são nada não, elas são as nossas reações a elas”

artista? Como ele trafega nas controvérsias do mundo artístico, sabe? Como é que funciona tudo isso, eu acho bacana. Gostei da entrevista (*Fagner foi entrevistado na edição número 10 da Revista Entrevista*) que ele deu aqui pra vocês.

Naara — *David, na pré-entrevista você falou que sua irmã, sua filha (Diana), sua sobrinha e sua mãe, eram as meninas da sua vida. Você acha que essa convivência com as mulheres desde cedo despertou uma sensibilidade, aflorou um lado em que, geralmente, as mulheres são mais sensíveis? Já que você perdeu o pai cedo e passou a conviver só com mulheres.*

David — (*Pausa*) Eu saí de casa com 15 anos, então eu acho que eu tenho uma espécie de paradoxo nessa questão aí. Porque muito cedo eu saí de

casa, cedo não... É, cedo, quinze anos é cedo. Eu saí pra voltar agora. Eu tô morando com a minha mãe de volta. Tá sendo ótimo pra mim, passar uma temporada com ela tá sendo maravilhoso.

Eu acho que isso tem uma relação mesmo, tem sim (*pensativo*). Isso tem uma relação sim (*silêncio*). Eu preciso pensar, né? Pra saber se não vou ser leviano com a minha resposta. Mas, sinceramente, eu me sinto uma pessoa completamente normal.

Pra mim, eu sou o que eu sou, e eu sou o que eu fui enquanto criança, enquanto adolescente. Foi tudo dentro de uma normalidade, dentro de uma tranquilidade. O meu pai era superprotetor, ele morreu quando eu tinha nove anos. De repente, isso também não fez com que a minha mãe perdesse os valores que ele tinha em relação a mim. Eu continuei sendo superprotegido, eu continuei sendo uma criança, sabe?

Eu tinha só uma irmã. A gente brigava, ela batia em mim direto. Ela tinha dois anos a mais que eu, aquilo era suficiente pra ela me espancar ali, literalmente (*risos*). As brincadeiras eram pesadas, aquela coisa de criança mesmo, porque ela se achava a Mônica e me achava o Cebolinha (*personagens do cartunista brasileiro Mauricio de Souza, que estão sempre brigando*). Eu era completamente subjugado. Depois, a gente ria. Hoje em dia, eu adoro a minha irmã, o amor que eu tenho pela minha irmã independe do nosso parentesco. Ela é uma pessoa supercapaz, a Valéria hoje tá morando em Brasília, é reconhecida na área dela,



A Secult estendeu o prazo em um mês... as inscrições só se encerraram em 06 de março.

A música Valeu a Pena Esperar não saía da cabeça da equipe de produção. Valeu a pena esperar por você...



A entrevista com David Duarte foi adiada duas vezes. A primeira vez devido a compromissos de David.

trabalha no MEC (*Ministério da Educação*), é militante do Partido Comunista, hoje ela se reencontrou com isso de uma forma mais madura, com (menos arestas. Eu tenho uma admiração profunda por ela e sinto que ela sempre foi uma referência pra mim, mas uma referência pessoal, não uma referência de mulher. Eu dava uns beijos nas bonecas dela. Eu iniciei minha carreira afetiva assim. Eu não brincava de boneca como as pessoas achavam: “Ah, ele brinca de boneca”. Sabe, aquelas bonecas amiguinha? (*Gargalhadas*)

Claudiane — *E a sua carreira afetiva teve mulheres marcantes que influenciaram na sua carreira musical?*

David — IiiiiiiiXiii, demaaaais! Demais, Ave Maria (*risos prolongados*). O primeiro disco foi todo pra uma figura, o segundo foi um pouco pra mim, mas tinha também lá um pouco suas nuances e o terceiro foi todo pra uma figura. É por isso que eu preciso parar com isso, eu não posso, cara. (*Risos*) Tem coisa que é muito verdadeira, é muito legítima, entendeu?

Rebeca — *Elas foram influências pessoais, foi pra essa mulher ou as mulheres coletivamente te influenciam, te inspiram...*

David — A mulher me inspira. O elemento feminino me inspira muito. Menina, eu tava vendo uma propaganda... Eu não vejo mais televisão, não adianta. Eu não quero, eu não vejo televisão, me deprime ver televisão hoje em dia. Eu não sei por quê. Eu sempre fui muito televisivo, sabe? Muito. Mas a televisão é um negócio angustiante, radioativo, é um negócio estranho.

Eu tava passando em frente à televisão, minha mãe estava assistindo, aí eu vi umas moças com umas gravatinhas borboletas de calcinha e sutiã, garçonzete de um restaurante. Aí eu falei: “Mas isso deve ser um bordel”. Não, não é um bordel não. É um restaurante mesino. Agora, a que ponto nós chegamos da banalização, da desvalorização da questão da mulher. Isso eu acho terrível, eu acho que a mulher muito cedo... Antigamente, as meninas vivavam mocinha e nem percebiam. Hoje em dia as crian-

“Eu tenho vários depoimentos de pessoas que começaram, terminaram, se relacionaram, acabaram, brigaram, tudo na esfera romântica, com canções minhas”

ças já estão ansiosas pra saber que horas elas vão virar mocinhas, pra depois virarem pessoas que vão sofrer nas mãos dos caras, tá entendendo? Porque sofre mesmo, se a pessoa não tiver esclarecimento, o que é que ela vai ser? Ela vai ser uma grávida precoce, ela vai ser uma mãe solteira. Isso talvez não passe nunca pela idade maravilhosa da vida de vocês, mas o mundo lá fora é assim. As mulheres estão banalizadas, isso pra mim, é um crime. Não tem muito a ver com o que você perguntou não. Desculpe o macharal aí, mas as mulheres... Parabéns, mulheres, vocês são demais, demais. (*Risos*) Eu acho bonito isso, como entidade criadora de gente, sabe? De criação mesmo, eu acho muito bacana.

Ana Flávia — *Eu queria saber como os festivais acon-*

teceram na sua vida? Até que ponto o Canta Nordeste influenciou na sua carreira na sua visibilidade?

David — Ah, legal. O Canta Nordeste (*festival de música promovida pela Rede Globo, na década de 90*) eu acho que foi o grande primeiro passo na minha visibilidade local, estadual. Porque o Canta Nordeste tem uma exposição muito boa. Uma semana de eliminatória na televisão, ao vivo pra todo o Estado, televisão ao vivo pra todo o Nordeste. Televisão ao vivo pra todo o Nordeste novamente, no outro final de semana. Eu participei de vários Canta Nordeste, interpretando músicas que não eram minhas; interpretando músicas minhas sem ser classificado; interpretando músicas minhas sendo classificado e parando na eliminatória; e o último, que eu tirei o segundo lugar, que foi a melhor colocação do Estado, sempre tinha muita gente participando, eu fui até o final. Quando terminou o Canta Nordeste eu era reconhecido na rua direto: “Olha o rapaz do Canta Nordeste.” A televisão é uma bomba de proteína na exposição de qualquer pessoa.

Naara — *Como foi estar entre os finalistas desse Festival da Cultura de 2005?*

Ela tentou reanimar essa época de festivais... Como foi pra você?

David — A música é do Raimundo Cassundé (*cantor, compositor e professor universitário cearense, autor da música Motor da Ciranda, interpretada por David no Festival da Cultura de 2005*), ela não é minha, então, eu já fui com um pouco de reserva porque eu confio muito no meu

E a segunda por causa de compromissos do professor Ronaldo Salgado.

trabalho, muito mesmo. Confiava nessa música, mas veja bem, não é que eu ache que só o meu trabalho preste. Mas é assim, eu vou interpretar uma música minha. Se eu não for classificado, tudo bem. Agora, se eu não classificar a música do cara? Vai ficar aquela terrível sensação de que eu prejudiquei alguém por eu não ter conseguido classificar a música que era de outra pessoa.

Lucinthya – Foi ele que optou por você...

David – Foi, foi. Porque no disco do Sesc (*gravação dos participantes do Festival Sesc de Música*), eu cantei aquela música Motor da Cibranda, mas foi muito bom. Eu fui muuuito bem recebido em São Paulo. Eu revi pessoas que eu pensei que nem existiam e que se lembraram de mim. “Ah, eu lembro de você. Você só podia ser um artista de nome lá onde você tá, porque aqui você tava fazendo um trabalho legal”, na época que eu morei lá, sabe? E foi muito legal porque tava ali envolvido com o pessoal da Maria Rita (*cantora paulista de Música Popular Brasileira, filha de Elis Regina, nasceu em 09 de setembro de 1977, lançou seu primeiro disco em 2003*). São Paulo é uma praça meio fechada, povo é meio engessado.

Naara – Em festivais, os cantores não costumam cantar com suas bandas. Como é pra você cantar com outras bandas?

David – Ah, eu acho maravilhoso.

Naara – Você cantou agora (no Festival da Cultura) com a Roça Nova, não foi?

David – Gente, pelo amor de Deus... Olha entenda, Roça Nova... Roça Nova são quatro

rapazes semi-inexperientes que foram fazer a... O Cassundé queria que eu cantasse a música, diz ele que não me encontrou. Aí, o maestro lá indicou o Roça Nova que é da panela ali do negócio. Entenda, eu preciso falar isso porque é verdade. Então, quando eu cheguei lá. “Ah, encontraram o compositor oficial da música, o cara tá aqui, é o David Duarte”. Eu cheguei em São Paulo, fui cantar a música, maravilha! Maestro Edson José Alves (*arranjador e maestro de São Paulo*), já tinha trabalhado com ele quando eu

“Eu fiz minha vida inteira em cima desse pedaço de pau aí, desse instrumento de madeira, desse instrumento musical”

morei em São Paulo. Um arranjo liliindo que lê fez daquela valsa, lindo. Aí eu chego lá, tá os quatro carinhos lá olhando, eu cantando... A banda assim comigo, sinceramente, a reverência que aquele povo fez comigo... Porque ficou lindo, encaixou demais. Eu sei que lá estavam eles. “Aqueles caras, quem são?” “Pô, foi ótimo, nós somos o Roça Nova”. Aí quando eles entraram, eles deram a música, ou seja, a banda não tinha nada a ver com o Roça Nova. Eles eram só quatro caras que fazem uma música sertaneja, uma espécie de música sertaneja, é uma música jovem sertaneja.

Eles foram lá pra interpretar a música. Como eu já tava lá eu falei: “Olha, Cassundé é o seguinte...” Porque quando eles entraram na música, ficou mais sertanejado. Isso, inclusive, ia de encontro aos prin-

cípios mais primordiais do festival que é valorizar a nova música, música alternativa. E o sertanejo não é alternativo coisíssima nenhuma, ele tá aí. Como o forró tá aí, como o axé tá aí. Eles foram lá e cantaram a música, mas nesse aspecto foi muito controvertido, sabe? São pessoas bacanas, do bem. Mas, em festival tem que ser tudo muito certinho, muito tranqüilo. Festival você tem que dizer amém. Em festival, você não pode criar... A experiência que eu tive em festival, você tem que passar meio despercebido, sabe? Tem que ir no palco fazer o melhor que você tem a fazer, que aí sim você vai ser notado. Porque dentro daquela questão pessoal existem muitas vaidades, muitas questões que envolvem o fato de as pessoas estarem ali, convivendo no mesmo hotel. É um convívio bacana, mas rapidinho, se deixar, passa uma euforia que pode prejudicar o conceito daquelas pessoas em relação a você.

Karla – Falando em prêmios de festivais, você ganhou por alguns anos consecutivos o prêmio NelSons (prêmio da música cearense, votado através do site NelSons.com, mantido pelo jornalista Nelson Augusto) em algumas categorias...

David – Pois não é, menina.

Karla – Qual a importância que ele teve pra sua carreira?

David – O termômetro do público cearense gostando do meu trabalho. Isso é legal porque é um prêmio que tem a ver com votação na internet, né? Então, eu percebi que independente do conceito que determinado grupo cultural tivesse a respeito do meu trabalho, o público não quer sa-



David Duarte chegou 20 minutos atrasado para a entrevista, mas ligou avisando do atraso.

Quando chegou, pediu desculpas e a aluna Claudiene respondeu: “Valeu a pena esperar por você”.



David chegou pingando de suor.

ber disso, não. É um rolo compressor em cima dos conceitos pessoalizados. Foi muito gratificante, e é muito gratificante saber que se tiver mais outro prêmio Nelsons esse ano, eu vou ganhar mais quatro ou cinco, se Deus quiser, porque eu tô fazendo é pra isso. A humildade que eu tenho é saber exatamente quem eu sou e quem eu não sou. O que eu sou eu sei, o que eu não sei eu também tô tentando saber. O prêmio Nelsons pra mim é um incrível termômetro do reconhecimento do público cearense com o meu trabalho. Trabalho esse que é fruto de muita renúncia, de muuuuuita reflexão, muita. E de muito respeito por esse público.

Rebeca — *David, agora a gente vai fazer uma vooolta no tempo pra saber como foi que começou essa sua relação com a música. Qual foi o seu primeiro contato?*

David — Como é que começou a música na minha vida... A música na minha vida começou com a minha irmã ouvindo discos em casa. Porque eu era criança e pegava uma coisa assim e ficava ouvindo discos (*pega a garrafa de água vazia e começa a bater. Cantarola: "nãnnã"*). É a primeira lembrança que eu tenho brincando com microfone e tal. Depois começou no colégio, com os festivais do colégio, com a questão de bandas de colégio. No Colégio Marista (*escola cearense, onde David estudou grande parte da infância e início da adolescência*) tinha uma sala onde, na geração passada, tinha tido... Inclusive, eu já soube que os irmãos Ednardo, o Régis e o Rogério, tinham tido um grupo e eles saíram do colégio e os instrumentos esta-

vam lá. Aí, eu comecei a tocar nesses instrumentos, com uma banda que a gente formou lá. Então, foi assim.

Comecei só a cantar, eu não tocava. Comecei a cantar e depois, eu comecei... (*pausa*) aprendi a tocar violão. Comecei a compor imediatamente. O período que eu comecei a tocar violão, eu já comecei compondo. Eu achei, eu achei (*com ênfase*), no meu devaneio, que o violão necessariamente era uma coisa pra se fazer música e não pra se tocar, entendeu? Pra mim o violão era pra fazer música, não

"Isso é muito bacana. Primeiro porque eu não preciso compor músicas muito complicadas, então, eu não preciso de uma mente muito brilhante pra fazer boas músicas."

era pra tocar. Como eu não tinha como aprender músicas, porque o meu conhecimento, o meu vocabulário harmônico era muito pequeno, eu tava começando a aprender a tocar violão, achei que o violão ia servir pra que eu fizesse músicas na medida em que ia aumentando a minha capacidade de tocar. As músicas iam ficando mais bonitas. O meu devaneio em relação ao lance do violão foi esse. Eu comecei tocando, num lembro quantos anos eu tinha, treze anos eu acho.

Joanice — *E o bairro Parque Araxá te influenciou?*

David — Muito. Eu vivi lá, morei lá, nasci. Na verdade, eu nasci no Otávio Bonfim, que é divisa com o Parque Araxá, mas acontece que o (*bairro*) Otávio Bonfim, ele tinha a questão de ser mais pro lado do Centro (*de Fortaleza*). En-

tão, como era na divisa do Parque Araxá, a minha infância foi vivida mais pro lado do Parque Araxá, entendeu? Era o limite mesmo, tinha uma rua que separava o meu bairro do outro, e eu morava no limite dos dois bairros.

Eu fiz a minha formação. Eu comecei o primeiro acorde, como eu falei naquele dia (*da pré-entrevista*), o primeiro acorde de violão que eu dei foi dentro do salão paroquial da igreja Nossa Senhora das Dores, em Otávio Bonfim. O Parque Araxá já é aquela coisa da igreja São Gerardo e tal. O primeiro bar que eu cantei foi na (*avenida*) Bezerra de Menezes, que se chama Canto Novo. No Parque Araxá também foi muito bacana. E lá a gente desenvolvia teatro, era muito gostoso. A gente dançava muita quadrilha. Tinha um campo lá que era um campo de poliatividade. A gente tanto jogava futebol, jogava voleibol, como fazia quadrilhas, como encenava peças. Naquele campo, depois colocaram arquibancadas e as peças eram encenadas.

Naara — *David, você tinha dito para gente que o seu primeiro show tinha sido aos 14 anos...*

David — Quinze, quinze **Naara** — Quinze?

David — Com certeza.

Naara — Pronto. No teatro universitário (*da Universidade Federal do Ceará*).

David — Isso foi em 82.

Naara — *E teve uma história que você se fantasiou de palhaço. Como é que foi essa história?*

David — Ah é. Isso aí era o que a gente fazia no âmbito do teatro. A gente fazia muita coisa de teatro. E como eu tava me lançando, fazendo um show, o que é que foi? A gente fez uma trupe e saiu nos

A entrevista foi dada na sala de professores do Curso de Comunicação. Meio apertada, mas coube todo mundo.

sinais fazendo pedágio, porque antigamente, hoje em dia num é mais comum não isso (*risos*). Mais ou menos, mas assim, mas vocês não se fantasiam de palhaço pra isso, né? (*risos*) Eu, na verdade, já me fantasiei de palhaço, já fiz papel de freira numa peça, já fiz papel de...

Naara — *Mas isso era pra arrecadar dinheiro pra esse seu show?*

David — No caso, era pedágio na rua. A gente fazia teatro itinerante lá nesse bairro. A gente saía, apresentava trabalho num campo ali e depois saía pela rua com a trupe andando. A gente tem uma formação de teatro infantil legal, que eu acho bacana. Então esse dado do palhaço, tipo assim, pôxa, se a gente tem um grupo de pessoas, vamo ali pra um sinal arrecadar dinheiro para o primeiro show do David Duarte.

Naara — *Como é que foi enfrentar público assim tão cedo. Como é que você se sentiu? Deu medo, deu aquele frio na barriga?*

David — Eu acho que deve ter dado. Não lembro da sensação na época. O que eu lembro é que eu sempre me senti muito à vontade num palco. Mais à vontade no palco do que propriamente na vida. Hoje em dia eu me sinto super à vontade na minha vida porque eu tô fazendo por onde, sabe? Mas eu sempre fui um cara muito introspectivo e isso era como se o palco fosse um lugar onde eu estivesse isento, entende? Eu tava protegido de algo que eu mesmo teria criado contra mim.

Ana Flávia — *As experiências de teatro têm alguma influência pra você na hora de conceber um show ou alguma coisa desse tipo?*

David — Sim, sim, tem muita. Eu acho que primeiro a questão cênica, da caixa cênica. O show é tudo que você leva pra dentro do teatro. Na questão do show, a questão cênica é muito importante, por isso que eu me preocupo, eu tento passar essa consciência para minha banda. Isso é uma questão difícil, sabe? A postura, o que se diz, o ritmo com que se fala. Tudo tem que ser vivido com muito critério, e o teatro ajuda muito nisso. Essa questão da marcação ajuda muito. Me ajudou, né? Me ajuda.

Naara — *Você disse que*

"Eu saí de casa com 15 anos, então eu acho que eu tenho uma espécie de paradoxo nessa questão aí. Porque muito cedo eu saí de casa, cedo não... É, cedo, quinze anos é cedo"

saiu de casa aos 15 anos e foi morar no Rio de Janeiro. Como é que foi essa aventura. Você pode contar um pouquinho pra gente?

David — Gente, essa aventura... Tudo? (*risos*)

Naara — *Assim, como foi esse convite, como foi que você resolveu ir?*

David — A primeira vez que eu saí daqui, eu tinha quinze anos, foi logo depois desse show e eu... Eu não vou privá-los do que eu falei pra vocês (*olhando para a equipe de produção*). Não seria justo. Com 15 anos, eu tive um relacionamento com uma mulher que tinha 30 anos. Adorei essa pessoa e tal, uma pessoa bacana. Aí, eu sei que quando esse relacionamento acabou. É óbvio que ia acabar, né? Não por ela, por mim. Ai eu meio que fugi da possibilidade de ter que cruzar com essa pes-

soa e fui pra Canoa (*Distrito de Aracati, litoral cearense, localizada a 160 km de Fortaleza*), que na época era um lugar superparadisiaco, super, não tinha nada. Você não chegava lá, você tinha que caminhar muito. Era muita grama, muita terra, muita areia pra chegar até Canoa Quebrada. Era jumento mesmo, num tinha como.

Quando eu fui pra Canoa, fui passar o final de semana. Acabei ficando um mês em Canoa. Dentro desse mês acabei conhecendo várias pessoas, claro, itinerando pela cidade. E conheci um pessoal do Rio de Janeiro. Nesse pessoal tinha um cara que disse que tinha um bar lá chamado Saideira. Ele falou: "Vai lá porque nos fundos do bar tem uma espécie de uma quitinete, um quarto lá, uma coisa, sei lá". O cara com 15 anos de idade, meu irmão, dorme até dentro dum barril se for pra fazer o que ele quer fazer. Aí eu sei que ele falou: "Você vai lá pro Rio de Janeiro, que eu tenho um bar lá, que você toca no bar e fica morando por enquanto nessa quitinete, nessas instalações do bar". Aí eu: "Tudo bem". Resultado: eu fui pro Rio de Janeiro. Fui bater no Rio de Janeiro. Aí pô, 15 anos de idade, peguei o ônibus e fui.

Eu tinha conhecido também aqui o pessoal da Camerata Carioca (*grupo instrumental criado em 1979, para homenagear os dez anos da morte do mestre do choro Jacob do Bandolin, trabalhando sempre na fronteira entre o erudito e o popular*), que era uma Camerata que veio acompanhando Nara Leão (*Cantora carioca de Música Popular Brasileira nascida em 1942 e falecida em*



O barulho da sala ao lado, a do departamento do curso, atrapalhou a entrevista. O telefone foi a nossa trilha sonora.

No início da entrevista, David disse ter gostado muito da entrevista com o Fagner feita na edição de número 10.



Durante a entrevista David pediu três offs, para a decepção dos entrevistadores, mas foi prontamente atendido.

1989), na época do Projeto Pixinguinha (*Criado há quase três décadas, o projeto promove o intercâmbio de manifestações musicais entre as diversas regiões do país, gratuitamente ou a preços populares*). Engraçado, cara, lembrar dessas coisas é engraçado demais, realmente não dá. Eu fico pensando, como é que o cara faz um negócio desse? É muita insanidade, só com 15 anos de idade mesmo. Aí minha mãe foi lá no Juizado de Menores, também não foi fugindo não, né? Foi lá no Juizado de Menores, assinou um termo de responsabilidade. Ela não sabia o risco que tava correndo. Tô falando isso brincando, mas eu sempre fui um cara muito centrado, sabe? Eu sempre dei a entender pras pessoas que estavam à minha volta que elas podiam ficar seguras em relação ao meu procedimento.

Eu cheguei no Rio de Janeiro, não era nada daquilo. O cara, fiquei na casa dele, aí a mãe do cara começou a infernizar comigo. E eu me vi sozinho no Rio de Janeiro. Procurei um amigo da Camerata Carioca, acabei ficando lá um tempo. Voltei pra Fortaleza. Exerci algumas coisas lá no Rio. Depois eu voltei pra Fortaleza e aí, já em 84, veja bem, em 84, eu já estava tocando num bar superlegal, que era um bar do Quinteto Agreste (*Grupo Cearense que surgiu em 1974 e acabou em 87. Após 14 anos de pausa retornaram, em 2003. Formado por Arlindo Araújo, Mário Mesquita, Ademir Vale, Marcelo Melo, Tarcísio Lima*), um grupo que tem aqui em Fortaleza. Na época, o grupo atuava muito e detinha o monopólio da sonorização de eventos em

Fortaleza. E, por causa disso, eles eram bastante bem sucedidos, empresários bem sucedidos na área da música. E tinham um bar muito bacana na Praia de Iracema (*bairro de Fortaleza*), chamado Bumba Meu Bar. Nesse bar, eles se apresentavam e era ótimo. Ô saudade desse bar! Era ótimo, era muito bacana mesmo.

Também conheci artistas do Projeto Pixinguinha que vinham pra cá, porque eu ficava dando força pra eles como holding lá no Theatro José de Alencar. E dizia assim: “Um dia ainda subo no palco desse

“Eles (O Roça Nova) eram só quatro caras que fazem uma música sertaneja, uma espécie de música sertaneja, é uma música jovem sertaneja”

teatro, um dia ainda canto nesse teatro. Eu vou cantar nesse teatro, eu vou subir no palco desse teatro. Eu vou cantar, vou fazer isso, não sei como, mas eu vou fazer isso.” E daí, eu conheci um cara — olha, eu tô contando tudo (*risos*)... Aí eu conheci um paraense, o Rafael Lima (*cantor e compositor*), ótimo como cantor, um cara super performático. E, naquela época, ele imitava muito o Caetano, usava aquelas roupas escandalosas que o Caetano usava na época. Menina, eram umas coisas assim, que Ave Maria!

Então, já naquela época o Rafael Lima, como se fosse hoje: “Você é muito bom e tal, num sei o quê...” Eu acreditei mais uma vez e fui bater em São Paulo. Quando eu cheguei lá, cadê o tal do Rafael Lima? Já conheci foi outra pessoa na estrada, que me hospedou na

casa dela e tal, que conhecia os músicos daqui, por isso nós nos aproximamos, e comecei a tocar nos bares... Aí tava lá em São Paulo, solto.

Dentro de um determinado momento, fui num bar, numa casa de pão de queijo, e tava um músico tocando uma flauta e eu sentado, peguei meu violão e comecei a tocar com ele. Aí ele falou: “Ô, támo precisando de um violonista no meu grupo de música instrumental, vamo lá”. Comecei a tocar com esse grupo, Lótus (*grupo de música instrumental de São Paulo, que atuou por volta de 1984*). Depois, eu saí do grupo Lótus.

Tava em Guararema (*cidade no interior de São Paulo*), que foi uma época que passei no interior de São Paulo, muito boa também, tocando por lá e vivendo no interior de São Paulo, que é muito massa, muito bacana. O interior é muito bacana, você tá perto de gente e de bicho, de planta. Quando eu tava no interior de São Paulo e tava lá sem fazer nada, de repente, chega esse mesmo amigo flautista pra mim e diz: “Ô Davi, é o seguinte, tem um anúncio no jornal aqui, tão precisando de um cantor num grupo, lá em São Paulo”. Aí eu disse: “É, tá bom, vamos lá. Vamo lá!” Era no grupo Canto a Canto.

Ronaldo — Não! (*O professor Ronaldo se manifestou pela primeira vez na entrevista quando a Rebeca quase vira a fita do gravador do professor que já estava utilizada dos dois lados*)

David — Eu já ia perguntar quantas vezes ele ia virar essa fita, porque é só virando as fitas. (*risos*). Então assim, eu comecei a cantar com esse grupo e nesse grupo eu só cantava, só cantava. No grupo Lótus,

O professor Ronaldo, o “sujeito oculto”, acompanhou a entrevista sentado em cima do sofá.

eu só tocava violão e foi uma grande escola pra mim, tanto num grupo quanto no outro. Foi uma grande escola! Primeiro, a maratona de ensaios que a gente tinha era muito grande, a gente fazia aquilo com muito afinco mesmo. Era tipo assim: todo dia a gente se encontrava, éramos amigos, vivávamos juntos, a gente tinha uma turma. Era como se fosse assim, a gente tinha uma turma mais ou menos desse tamanho aqui (*apontando para os alunos*) e o grupo. Então, o nosso público era nossa turma. A gente tinha um público garantido de umas 15 pessoas que iam pro nosso show, quer onde fosse o show. Aí ia aquele monte de gente, foi uma época muito boa de convívio, de ter uma identidade coletiva afirmada. Depois, com esse grupo Canto a Canto a gente fez show em muitos lugares, cantamos em muitos lugares. Cantamos muito em São Paulo, cantamos em grandes casas de São Paulo, tive contato com muitos artistas importantes de São Paulo por causa do convívio com esse grupo, como é o caso de Eduardo Gudin (*compositor de renome entre os artistas nacionais, um dos favoritos da cantora Leila Pinheiro*), que é um grande compositor, como é o caso dos compositores do Clube do Choro (*confraria de choro de São Paulo, que se reúne no bairro Pinheiros para tocar choro*). Foi uma grande, uma grande escola no sentido de tá ali direto cantando, cantando, cantando, cantando, ensaiando, tendo aula de canto, tendo aula de música, tudo, direto. Foi muito bom!

Joanice — Seu trabalho seria diferente se você não tivesse passado por isso?

David — Meu trabalho talvez fosse até medíocre se eu não tivesse passado por isso, porque eu teria estagnado num processo de “auto-coisação”, que não teria sido legal pra mim. Com certeza, foi muito enriquecedor, demais. Hoje, eu tenho consciência e aplicação muito maior desses elementos todos que antes. Hoje eu aplico esses fundamentos com muito mais fluência e de uma forma muito mais imperceptível. Porque o meu conhecimento é muito empírico, então eu tenho a coisa de aprimorar experimentando mes-

“Eu achei, eu achei (com ênfase), no meu devaneio, que o violão necessariamente era uma coisa pra se fazer música e não pra se tocar”

mo. E hoje em dia, eu canto com aqueles fundamentos que eu não conseguia fazer. Antes eu sabia o que era pra fazer, mas eu não conseguia fazer. Hoje, eu nem penso muito no que é que eu tenho que fazer, mas eu faço. Tanto cantando, quanto tocando, quanto compondo.

Ana Flávia — Em entrevista, o Mino, cartunista (cearense), falou que a criança precisa ser incentivada quando ela começa os primeiros rabiscos pra se tornar um artista, pra desenvolver o talento. No seu caso, você fala que as suas primeiras músicas eram ruins, mas que as pessoas achavam bacana. Você acha que isso é decisivo para uma carreira? Você começar um esboço de uma coisa que talvez nem seja tão boa, mas que as pessoas incentivam?

David — Eu acho que sim, eu acho que mais fundamental que isso é não tolher, é não repreender, a criança, porque vai chegar uma hora que a pessoa tem que: (*risos*) “Ó meu querido, você não é do ramo”. Isso é um problema também, é outra questão. Mas a criança tem que fazer o que ela quiser fazer, porque ela tá numa fase de descobrimento, de escolha cognitiva. As múltiplas inteligências da criança precisam experimentar todas as coisas até que ela se sinta compelida a ir fazer determinado tipo de coisa bem. E acho que sim, acho que ajuda muito... As pessoas que estão (em início de uma prática artística)... Porque cria um trauma (se forem tolhidas quando criança), sabe? Às vezes a pessoa...cria trauma! Trauma é coisa séria! Existem estudos científicos que falam que você pode cristalizar o conceito pro resto da sua vida e aquilo vai fazer com que você se torne um ser humano extremamente infeliz, sempre com aquela pontinha de vontade de ter feito alguma coisa diferente na vida e fazendo outra. E não pulam do penhasco do próprio sonho, da própria existência.

Ana Flávia — Ser cantor é o teu sonho? Foi sempre teu sonho?

David — (*Pausa*) Hoje ser cantor é uma realidade. Fica difícil falar de sonho estando dentro da realidade.

Ana Flávia — De pequeno, de jovem, você já tinha esse objetivo?

David — Sabe o que eu queria? Eu queria conhecer o mundo. Eu queria ser reconhecido. Eu queria conhecer o mundo. Então pra mim era o seguinte, se eu pudesse ter o violão e cantar e pudesse es-



Com o telefone enchendo o saco, o professor Ronaldo levantou-se várias vezes durante a entrevista para ir dar um jeito.

Depois de muito pedir a compreensão das pessoas da sala ao lado, foi o jeito tirar o telefone da tomada.



A aluna Naara também se irritou com o telefone e foi no departamento pedir silêncio. Pobre do funcionário Gilvan, que escutou o grito!

tar numa calçada de Madri, São Paulo, Itapipoca, com o meu violão, cantando e aquilo fosse um veículo pra que eu pudesse estar lá, foi esse o meu primeiro sonho em relação à música.

Claudiene — *David, você falou da sua experiência com o teatro, você pode comentar a participação do grupo Os Cavaleiros da Dama Pobreza em seu show (grupo performático que acompanha David em alguns shows).*

David — Claro, muito bom. Os Cavaleiros agregam ao meu trabalho um fator de relaxamento da apreciação, porque a apreciação musical, principalmente quando você lida com um compositor inédito, como eu sou, quer queira, quer não, quando você lida com isso, eu... *(Ele pára atrapalhado no raciocínio devido ao insistente tocar do telefone na sala vizinha ao local da entrevista.)* Sim, voltando, cria uma espécie de um ambiente um pouco mais relaxado. Isso que eu tava falando pra você? Uma ambiência um pouco menos tensa na questão de interpretar as letras, ou de absorver os elementos musicais, tá entendendo? Eles criam um desvio no âmbito da música, da música, da música que faz com que o público recarregue as baterias e seja apresentado com outro tipo de modalidade artística. É como se fosse um fator que agrega um pouco mais de leveza à apreciação do trabalho. Eu acho que funciona muito dessa forma.

Claudiene — *E você também entra na dança junto com eles. É como se fosse um momento em que o show fica mais enriquecido, principalmente quando estava na turnê Gírias do Norte.*

David — É, exatamente.

Claudiene — *Tem muito essas influências de teatro, nordestina etc?*

David — Muito, muito. O Gírias do Norte foi concebido pela Adriana Gouveia. Eu emprestei meu potencial, emprestei minha música pra ser aquilo ali, e foi muito bom! Eu gosto muito, saca? Mas o Gírias não funcionaria só comigo, sem aquilo, não é? O Gírias é aquilo tudo, é o cenário, são Os Cavaleiros da Dama Pobreza. Não adiantava eu chegar lá e fazer aquele repertório sem aquilo, porque não ia ser exatamente o

"O que eu lembro é que eu sempre me senti muito à vontade num palco. Mais a vontade no palco do que propriamente na vida"

que é o Gírias do Norte, o que precisava ser. Então, hoje, eu canto aquele repertório independente, ou não. Aquela ambiência toda. Mas o que importava pra aquilo ser o espetáculo que foi, foi justamente a concepção cênica, cenográfica junto com a coisa musical.

Naara — *Você pode voltar à historinha que você estava contando pra gente? Você estava...*

David — Historinha? Pelo amor de Deus!

Naara — *Histiorona, né?*

David — Não, que história é essa? É tanta história!

Naara — *A história da sua viagem...*

David — Onde foi que eu parei?

Naara — *Em São Paulo. Você contou que veio pra Fortaleza, passou quatro meses aqui e teve um segundo momento da sua viagem.*

David — É, eu fui pra São Paulo fiquei lá no Canto a Canto. Depois eu fiz alguns trabalhos solo, cantando em alguns lugares e depois eu fui morar no Rio de Janeiro. Passei um pouco de tempo, no Rio de Janeiro, fazendo alguns bares, mas principalmente um, que era um bar onde eu fazia um *talk show*. Eu fazia com violão nas mesas e aquilo começou a lotar. São estímulos criados para o meu trabalho.

Quando chegou a hora que eu vi que tava tudo muito misturado e eu já estava há muito tempo longe da minha terra, longe de casa, longe das minhas raízes, resolvi voltar pra Fortaleza. Isso em 89. Aí, começa a verdadeira trajetória do David Duarte que vocês conhecem hoje. *(batendo a garrafa na mesa).* Daí em diante, eu trabalhei com algumas pessoas, foi aí que começou o foco dos outros artistas em relação ao meu trabalho de composição pra colocarem músicas nos seus discos.

Da década de 90, 95 foi a ápice desse reconhecimento do David Duarte surgindo. Existe aí um cara David Duarte na cena do processo cultural. Hoje em dia, graças a Deus, eu tenho um reconhecimento muito legal, a título de público, grande público cearense. As pessoas podem não me conhecer, mas é muito difícil um cearense que esteja no mínimo acordado que não tenha ouvido falar no nome David Duarte. Mesmo que não conheça a minha música, mesmo que nunca tenha me visto, mas: "David Duarte, já ouvi falar nesse cara". Esse já ouvi falar nesse cara, é o suficiente pra um dia ele me conhecer. É a semente, é assim que funciona. Então essa semente tam-

David fez caras e bocas durante a entrevista. O mais marcante era quando ele apertava os olhos com as mãos.

bém está plantada em muitos lugares, entende?

Joanice — *No Rio, em São Paulo?*

David — Também, exatamente. Também. E eu tô me prevalecendo de que ela tá lá. Tá guardada lá, tá incubando lá, porque eu também não vou fazer as coisas mais com atropelo. Eu não vou atropelar o meu processo pessoal por causa do meu processo profissional. Isso aí realmente não dá, eu não vou fazer isso.

Naara — *Como assim o seu processo pessoal?*

David — É, exatamente, de ter que me submeter a determinadas coisas pra poder... Primeiro, se eu não estiver bem como pessoa, o meu trabalho vai refletir essa defasagem. Se eu tiver muito bem, ele vai refletir essa coisa também. O artista tem que, como diz o Fernando Pessoa (*Poeta português nascido em 1888 e falecido em 1935*): "Finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente", quer dizer, existe essa ambigüidade. Mas, ao mesmo tempo, precisa ser uma coisa verdadeira, você não pode fazer um trabalho estando, vivendo uma fase triste da sua vida.

Eu não sou um cara triste, eu acho que tristeza é uma coisa que a gente escolhe. Primeiro de tudo, eu acho que tristeza é uma coisa que a gente escolhe. Existem eventos na nossa vida que fazem com que você cresça ou não cresça. Agora embarcar nas coisas, eu acho que é uma questão que você escolhe, é uma escolha do ser humano. Porque vai ter momentos em que você não vai ter como deixar de chorar, então eu não vou me acostumar a banalizar isso. Do mes-

mo jeito, vai ter momentos que eu vou estar ultra-feliz, então eu não vou banalizar minha felicidade, transformando a minha euforia em felicidade, ou a minha alegria em felicidade.

Naara — *David, você falou na pré-entrevista sobre suas habilidades manuais. É o que mais você exercita com essa habilidade no campo artístico?*

David — Pois é, eu acho legal. Eu gosto de pintar, eu gosto de trabalhar com madeira. Eu acho legal sabe?

Naara — *Mas você nunca pensou em desenvolver assim?*

"E dizia assim: um dia ainda subo no palco desse teatro (José de Alencar). Eu vou cantar, vou fazer isso, num sei como, mas eu vou fazer isso"

David — Já, mas é porque eu não tenho tempo e estrutura pra fazer isso, pelo menos agora, entendeu? E não posso me dar o luxo agora de virar pintor. Eu não posso. Não dá. É muita coisa pra fazer já no âmbito da música, sabe? É uma questão meio que de tempo e de espaço.

Joanice — *É você quem monta aquela estrutura no seu show, aquela parte mais visual, aquela apresentação toda?*

David — Não.

Rebeca — *Do cenário.*

David — Não, aquilo tem uma concepção que passa por mim. Sempre passa, né? Mas o fato de eu não estar podendo opinar muito no meu trabalho fez com que eu abrisse mão da produção que eu estava tendo. Porque eu queria que fosse de uma forma e tava saindo de outra. Tava querendo criar em torno de mim uma

formatação que já tava começando a ficar postiça, já tava começando a ficar muito híbrido. Então eu falei: "Não é por aqui, não, tá muito bem do jeito que tá, tá legal". O que é bacana é o trabalho de equipe, o trabalho de equipe é fundamental. Ninguém faz nada sozinho. Eu não tenho essa experiência, não tenho esse relato de que as melhores coisas que eu fiz na minha vida foram sozinho. Por exemplo: o show da Oboé foi um show que eu tava sozinho no palco, mas pra aquele show ser bom e ser diferente de tudo que acontece na Oboé eu tive que contar com a Renata Holanda (*artista plástica cearense*) nas artes plásticas, eu tive que contar com uma boa equipe de suporte técnico com som. Quando eu boto um show daquele no palco, desde a mãe do Cleidson Catarina, que costurou aqueles panos enormes e tá lá na máquina de costura (*imita o som da máquina*)... Tudo aquilo faz parte da cadeia de produção artística que eu acho que é importantíssima.

Claudicne — *David, falando de produção, cadeia artística... No material que as meninas passaram pra gente tem dizendo que você gosta de produzir jingles, que você gosta de produzir sozinho. Gosta de compor, fazer etc. Como é esse trabalho?*

David — É. O jingle é uma composição musical, mas é como diz um amigo meu "é uma coisa mais relacionada com artesanato, não é arte". Porque você se utiliza de determinados elementos, matérias-primas imateriais, musicais, pra poder criar, em um pequeno espaço de tempo um conceito em torno de algo que é material. Então, ou isso en-



David pediu perdão várias vezes durante a entrevista porque encostava o pé, sem querer, nas meninas da produção que estavam ao lado dele.

Quando não perguntava, Lucintha assistia a entrevista atentamente de braços cruzados. Quase não piscava...



A aluna Karlla bocejou duas vezes durante a entrevista. Era o cansaço de final de semestre.

volve uma equipe de criação que tenha muita empatia, ou então, corre o risco de ficar um negócio desmembrado.

Pra compor, agora já na questão da produção musical, eu gosto de contar com outras pessoas porque eu acho bacana ter a sonoridade de pessoas que eu admiro. Tenho feito muitos trabalhos com o Sávio Diebi (*músico, tecladista e coprodutor musical do CD Essencial*), já fiz muita coisa com Renno Saraiva (*jovem tecladista cearense*). O jingle geralmente a gente trabalha com pessoas que trabalham com sequência, com sonoridade, instrumentos. Geralmente é um tecladista o principal músico da questão do jingle, e os vocalistas também. Jingle é um trabalho que eu gosto de fazer porque eu faço rápido, eu faço bem. Eu acho que eu faço bem, dentro de uma média. O meu trabalho com jingle é um trabalho que também tem um reconhecimento do público.

Gustavo — *Até que ponto a produção de jingles interfere na produção musical e as músicas interferem na produção de jingles? Como é que se dá essa relação entre o jingle e a música no seu caso?*

David — Essa pergunta, eu sempre tenho um pouco de dificuldade. Sempre eu tenho dificuldade de lidar com essa relação, sabe? Porque existe um mito de que a pessoa que começa a trabalhar com jingle está desgastando a sua imagem. Eu acho que você está focando dentro...

Gustavo — *Também.*

David — Mas eu acho o seguinte, eu volto a dizer, tudo que eu puder fazer para propagar o meu nome, a minha voz, a minha imagem, vai ser

positivo pra mim. Eu quero crer que seja assim, eu preciso acreditar nisso. Primeiro, se eu precisar de um jingle que não tenha a ver com o estilo musical que eu cante, eu vou chamar outra pessoa pra cantar, eu não vou cantar.

A criação do jingle fica velada ao compositor, principalmente aqui em Fortaleza. Você faz um jingle pra agência, a agência ganha um prêmio, não manda nem um convite pra você. Eu acho isso péssimo! As agências se estão fazendo em cima dos artistas que estão na ponta da cadeia produtiva. Eu

"Hoje, eu nem penso muito no que é que eu tenho que fazer, mas eu faço. Tanto cantando, quanto tocando, quanto compondo"

tô muito bem com os meus prêmios NelSons, com o reconhecimento do meu público pra tá querendo fazer questão de receber bolinha de prata, quadradinho de ouro, não sei o quê de agência de publicidade.

Gustavo — *De alguma maneira, a estrutura de um jingle, que você faz um jingle, ela interfere na produção de uma música, da letra?*

David — Ah, mas acontece às vezes de eu fazer um jingle e: "Não, não, não vou fazer um jingle, não. Isso vai se transformar numa música". Mas, aí eu tenho que fazer um jingle, aí eu fico aí tudo bem... É um jingle. Porque às vezes é tão legal, tão legal cara, de um jeito, algumas, não é sempre, que tem horas que tem que ser aquele negócio bem sintético mesmo.

Jingle também tem um aspecto interessante, ele me aju-

da a lidar de uma forma menos romântica com o processo de criação, ou seja, mais técnica. Isso me dá um, como é que eu digo, me dá uma tarimba mesmo. Na hora de compor canções em que o coeficiente de emoção é muito grande eu não posso deixar ultrapassar a boca da garrafa. Eu preciso de um pouco de técnica pra segurar e aquilo continuar sendo música. Porque tem muita coisa aí que é feito por músico, mas não é música e tem muita coisa que não é feita por músico e é música. Então isso é uma questão muito delicada, sabe? E o jingle, nesse aspecto, é um exercício muito legal da técnica de composição.

Claudiene — *Mas você se envolve ideologicamente? Quando você faz uma música para um jingle é a mesma coisa de estar fazendo uma música para...*

David — Política é outra coisa.

Claudiene — *Então é diferente. Não é arte, como você disse, jingle.*

David — Eu achei essa definição do meu amigo Sérgio Marques (*artista plástico e artesão cearense*) genial: "Jingle não é arte, é artesanato." Eu achei genial, até hoje eu uso essa máxima, eu não me preocupo em criar outra definição pra jingle na minha cabeça. Pra mim é isso. Então assim, eu procuro não me envolver muito não, sabe? Aliás, hoje em dia, é o seguinte, eu faço a música, se o cliente gostar... Pode ser que eu não goste da música, tenha feito uma coisa que eu nem gostei muito, mas eu tenho que apresentar aí eu: "Que ótimo que você gostou, beleza...", foi, já foi. Ele que quer, ele que é assim, ele é o cliente. Do mes-

David bebeu mais de três garrafas d'água. Uma gentilmente cedida pela aluna Letícia.

mo modo que, quando ele me fala que não gosta e eu tô adorando, eu procuro agir com o menor romantismo possível: “Ah, beleza” e faço outra coisa talvez até pior. Funciona muito assim, o mercado publicitário lida com...

Ontem, eu tava conversando com um amigo meu e ele falou pra mim que ele tava questionando no curso de publicidade e propaganda da Unifor (*Universidade de Fortaleza*) a questão: “Pô, mas é cruel, porque a propaganda de varejo daqui do Ceará é muito ruim”. Ai meu amigo chegou e disse assim: “Claro, ela é de varejo”. Quando você conseguir colocar a classe C em um nível de inclusão cultural a ponto de elas absorverem determinados elementos pra que a propaganda de varejo seja boa, ela vai ser. Mas, por enquanto, se você não falar o bê-a-bá com dois mais um, você não vai conseguir chegar nessas pessoas. É um trabalho feito pra poder atingir classificações.

Eu, graças a Deus, lido com clientes que estão em um nível dentro de um segmento de classificação que é o mesmo segmento relacionado ao meu trabalho artístico, de composição artística. Mas quanto mais se aproximar da classe A fazer jingle pra mim é mais fácil. Quanto mais se afasta da classificação A, a B, BC já fica difícil de criar uma coisa mais autêntica, porque eu não sou isso.

Lucynthia — *Você tem algum problema quando aquela música que está na propaganda ou em um comercial é pedida pelo seu público no show?*

David — É, num show fica complicado porque se o cliente — o produto jingle — não tiver, digamos assim, não

contribuir com nenhum tipo de parcela ou cota na produção, no patrocínio daquele show eu não tenho por que fazer isso. Eu acho legal ser reconhecido como, qualquer forma de reconhecimento é legal. Gente, é legal isso, eu acho bacana também, tanto como, eu acho legal: “Ô, é você que quanta aquela música do produto tal?” Isso eu acho bacana também, tanto quanto “Ô, é você que canta aquela música: ‘A gente sente quando vem’, pô, é legal”. Qualquer tipo de reconhecimento é sinal de que o meu

“Eu queria conhecer o mundo. Eu queria ser reconhecido. Eu queria conhecer o mundo. Então pra mim era o seguinte, se eu pudesse ter o violão e cantar”

trabalho está chegando aonde ele precisa chegar. Por exemplo, se for com jingle, que bom que o cliente que está conseguindo fazer através do meu trabalho que o produto dele, no trabalho dele seja também (*reconhecido*), entendeu?

Lucynthia — *Mas eu me refiro quando, por exemplo, você queria cantar outra música e o público pede aquela.*

David — Mas você está falando de jingles?

Lucynthia — *De um modo geral.*

David — Não, mas as pessoas não costumam pedir muito pra eu cantar jingle num show. As pessoas fazem bastante distinção entre uma coisa e outra, sabe? Ninguém nunca me pediu, por exemplo, pra cantar um jingle num show. O que acontece é de eu estar num show com um de-

terminado repertório e as pessoas ficarem insistindo pra que eu cante uma música. Por exemplo, no Gírias do Norte, uma pessoa pedir: “Presente” (*imita a voz de pessoa gritando*). Totalmente descontextualizada, eu não podia cantar aquela música ali. Porque eu tenho *Tô lá no mar*, o máximo que eu podia era cantar *Valeu a pena esperar*, já empurrando ali, pá, porque não tem nada a ver com Gírias do Norte, porque eu queria, porque eu pedia licença num determinado momento do show, pra fazer músicas que são minhas.

“Olha, desculpa, agora vou pedir licença a vocês, ao Luiz Gonzaga (*sanfoneiro pernambucano, nascido em 1912, conhecido como “O rei do baião” e falecido em 1989*), ao Dominginhos (*forrozeiro pernambucano*), pra fazer aqui, afinal de contas, eu também tenho que vender o meu trabalho, vender meu peixe”, eu brinco ali. É tudo uma questão de bom senso. Eu tenho autonomia suficiente pra poder chegar num show e sentir que determinada música que a pessoa pediu naquele momento vai ser interessante, a minha relação com ela, com o público, de uma forma geral, o fato de eu fazer aquela música, fazer com que o público perceba que eu tenho sim autonomia pra chegar, “tá legal, eu vou fazer essa música”. E de uma forma que as pessoas percebam que não é por causa disso que agora todo mundo vai pedir música que eu vou ter que cantar, não vai dar nem tempo. Esse bom senso eu acho que a humanidade tá precisando, de uma forma geral, em todos os aspectos, cara, tá tudo dentro da nossa essência, como alma, tá tudo dentro.



Enquanto respondia, David rasgava os rótulos dos garrafas d'água.

David Duarte tem uma andorinha tatuada na mão direita que, segundo ele, precisa de retoque. Está meio indecifrável mesmo.



Após a entrevista, a aluna Claudiene pediu para David falar com a nossa colega Katharine pelo celular. Ela é fã do cantor.

Gustavo — *David, você já fez jingles pra campanha do PSDB, campanha política.*

David — Já fiz PSDB (*Partido Da Social Democrata Brasileiro*), PT (*Partido dos Trabalhadores*), PV (*Partido Verde*)... Eu não tenho problema, não.

Gustavo — *Essa variedade de partidos. Até que ponto vai a tua, é... Existe um pensamento ideológico?*

David — De maneira alguma. Agora usar minha imagem, subir num palanque, subir no palco, aí sim, é outra coisa. Mas fazer um jingle...

Gustavo — *Há um desprendimento...*

David — Completamente, completamente, nesse ponto eu sou como o Chacrinha (*José Abelardo Barbosa de Medeiros, nascido em 1916, em Pernambuco, faleceu em 1988. Famoso apresentador de televisão*), eu não vim pra explicar, eu vim pra confundir. O meu envolvimento com política vai a título do que eu posso confiar no olho das pessoas. Os políticos que passam aquela verdade através da sua expressão, emanação porque blá, blá, blá nem Luizianne (*Lins, prefeita de Fortaleza, eleita em 2004, pelo PT*), nem ninguém, nem Lúcio Alcântara (*governador do Ceará, eleito em 2002, pelo PSDB*) vai me convencer se eu não sentir daquilo um processo de verdadeira intenção de fazer o troço melhorar. Política é um troço complicado, po-

lítica compromete as pessoas que não querem ser comprometidas, política transforma verdadeiros pulhas em pessoas ótimas, então política é um negócio complicado demais.

Joanice — *Davi, quais são seus planos para o futuro, pra sua carreira?*

David — Agora consegui delimitar, amarrar a formação de um trabalho que eu vinha fazendo que estava sofrendo influências emocionais, que estava sofrendo influências de fora. Agora, nessa última temporada que fiz no Centro Cultural BNB eu

"As pessoas podem não me conhecer, mas é muito difícil um cearense que esteja no mínimo acordado que não tenha ouvido falar no nome Davi Duarte"

consegui criar um certo acabamento diante do que eu consegui. O que eu quero? Eu quero poder cantar mais a minha música porque eu cantei muito *Gírias do Norte*, eu quero poder primar pela execução das minhas canções, fazendo também outras coisas. Eu tô pensando em fazer um disco mais eletrônico, que tenha um caráter mais irreverente que esse outro. Isso não é agora, é no mínimo no final deste ano, eu não vou fazer disco agora, não antes de setembro, não quero nem falar sobre isso, não sei porque estou falando

porque seria eu morder minha língua mesmo. Eu estaria dando uma informação que daqui a pouco você estaria (virando para a Naara): "Ah, mais dia tal você isso e tatatá" (*Risos*). O que você quer como música muda muito. Quero fazer o meu trabalho e saber que eu tô em paz.

Nesse meu primeiro momento, nesse novo processo, é um novo processo — eu passei cinco anos ao lado de uma pessoa que tinha um relacionamento profissional comigo, isso dava ao meu trabalho uma caracterização que... que tinha seus elementos bem marcantes. Meus planos agora são dar continuidade ao processo que eu criei com a minha equipe, eu acho que agora a gente tá numa harmonia boa, a gente tá conseguindo estabelecer uma relação interpessoal mais verdadeira, porque tava havendo uma interferência ali que não me permitia quem eu gostaria de ser. Eu tenho muitas idéias, mas não fiz dessas idéias um... Pra mim tá legal, eu acabei de fazer um terceiro disco, quero continuar fazendo show, viajar com minha equipe pro interior, pra outras cidades, não quero pensar em fazer disco agora. Chega de disco!

Rebeca — *A gente agradece bastante pela entrevista...*

David — Imagina!? Eu é que agradeço, vocês tirarem o tempo de vocês pra ouvir essas história aqui. Muito obrigado, viu? **É**

O celular da Katharine estava desligado e ele deixou um recado no correio de voz: "Ô, Katharine, vê se da próxima vez vem me entrevistar!"